



Por que Dilma e Fernando Pimentel venceram as eleições em Minas?

José Prata Araújo

Eleição de 2014. Uma análise de uma eleição surpreendente, na qual 72% dos brasileiros queriam mudanças, mas ganhou Dilma Rousseff, a candidata da continuidade, e Aécio Neves, que dizia ser um "especialista em derrotar o PT Minas", sofreu uma derrota tripla no Estado.

ÍNDICE

**Apresentação: uma análise de uma eleição
surpreendente** **2**

|||||

**Eleições para governadores foram nacionalizadas
em 21 estados** **4**

|||||

**A força das políticas sociais foi determinante
nas eleições em Minas** **10**

|||||

**Candidatura presidencial de Aécio expôs
as fragilidades de seu projeto em Minas** **23**

|||||

**O fim do “Lulécio” e do “Dilmasia” e a reunificação
do PT Minas** **31**

|||||

**Tucanos mineiros priorizaram a eleição
para o Senado e não para o governo do Estado** **39**

|||||

**Fernando Pimentel leva o PT ao governo
pela primeira vez na história de Minas** **43**

|||||

**A análise das eleições em Minas para o Senado,
Câmara Federal e Assembleia Legislativa** **57**

APRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DE UMA ELEIÇÃO SURPREENDENTE

Os resultados das eleições presidenciais em Minas Gerais, com a vitória de Dilma Rousseff, e a tripla derrota de Aécio Neves (presidência em primeiro e segundo turnos e governo do Estado), estão longe ainda de merecerem uma análise satisfatória e definitiva. Analisamos inúmeros artigos e textos de comentaristas políticos, jornalistas, intelectuais, políticos de diversas orientações ideológicas sobre as eleições em Minas e as explicações são pouco convincentes.

Estas análises, quase sempre, enfatizam como determinante para a derrota de Aécio Neves em Minas Gerais, os erros dos tucanos em indicarem Pimenta da Veiga para o governo do Estado. Como se a dinâmica do Estado é que determinasse isoladamente entre nós os resultados da eleição presidencial em Minas Gerais. Pensamos diferente: mostraremos a seguir que existe uma clara convergência e nacionalização das eleições para os governos estaduais. Nos estados em que Dilma foi vitoriosa, com raras exceções, venceram governadores do seu campo político e naqueles em que Aécio Neves venceu, foram vitoriosos também os governadores afinados com os tucanos.

Ressaltamos que este texto não enfoca, prioritariamente, os motivos da derrota de Aécio Neves em Minas Gerais, mas, inversamente, centra nas razões das vitórias de Dilma Rousseff e Fernando Pimentel em nosso Estado. Da forma como os analistas têm abordado as eleições em Minas Gerais fica parecendo que os tucanos perderam as eleições em nosso Estado “por acidente de percurso”, devido à indicação de Pimenta da Veiga para candidato a governador. Dilma e Fernando Pimentel venceram em Minas Gerais, devido, principalmente, à força das políticas sociais do PT em nosso Estado; ao processo bem sucedido de reunificação do PT estadual depois de anos de luta fratricida; à representatividade das candidaturas de Dilma e de Fernando Pimentel e as ótimas campanhas eleitorais, com forte presença da militância, que realizaram; e ao enorme equívoco tucano em priorizar a disputa pelo Senado, com a renúncia de Antônio Anastasia, que deixou os tucanos sem liderança e âncora no Estado para alavancar uma candidatura frágil como a de Pimenta da Veiga.

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

Este trabalho dá segmento aos meus estudos nos últimos doze anos sobre Minas Gerais. Publicamos em 2004, “Um olhar sobre Minas Gerais”, para o Mandato da então deputada petista Marília Campos; em 2006, redigimos o documento “Minas cresce com o Brasil”, para subsidiar os debates no PT para a eleição de governador daquele ano; em 2009, publicamos “Um novo olhar sobre Minas Gerais”, que refletia sobre a crise do PT com o racha em 2008 para a Prefeitura de Belo Horizonte e levantava subsídios para as eleições para o governo do Estado de 2010; em 2011, com três anos de antecedência, escrevemos “Minas no centro da disputa nacional”, que avaliava a possível candidatura de Aécio Neves a presidente, o que acabou se confirmando. E agora, temos o prazer de publicar este “Por que Dilma e Fernando Pimentel venceram as eleições em Minas Gerais?”. Sinto-me parte desta história que resultou nesta vitória histórica, que poderá iniciar um novo período de transformações sociais e políticas em nosso Estado e continuar com o projeto que está mudando o Brasil com Lula e Dilma. E sinto-me também gratificado com a vitória expressiva de minha mulher, a petista Marília Campos, para deputada estadual, cuja campanha eu coordenei politicamente.

Nos tempos heróicos de construção do PT, período do qual tivemos a honra de participar, um poema do saudoso cartunista Henfil resumia bem o nosso espírito persistente e combativo: “Se não houver frutos / Valeu a beleza das flores / Se não houver flores / Valeu a sombra das folhas / Se não houver folhas / Valeu a intenção da semente”. A persistência valeu a pena, estamos iniciando o quarto mandato da presidência da República, com as maiores conquistas da história do Brasil republicano, e estamos iniciando um governo democrático e popular em Minas, que, temos certeza, vai ser motivo de muitas dificuldades mas também de muitas alegrias.

Agradeço ao Rodrigo Paiva pela programação visual deste livreto e a todos aqueles que estão ajudando a divulgar o seu conteúdo no Estado.

Contagem, Minas Gerais, janeiro de 2015.

José Prata Araújo

ELEIÇÕES PARA GOVERNADORES FORAM NACIONALIZADAS EM 21 ESTADOS

As eleições de 2014 foram as mais politizadas e polarizadas desde 1989, há 25 anos atrás. Com isso, as eleições para os governos do Estado sofreram uma evidente nacionalização. Os governadores da base de sustentação do governo federal venceram nos estados em que Dilma venceu e as vitórias dos governadores aliados dos tucanos aconteceram nos estados em que Aécio saiu-se vencedor. São apenas seis as exceções nos dois casos. Dilma e seus aliados venceram nos seguintes estados: Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Sergipe, Tocantins, Paraíba (neste caso a petista teve o apoio do “infiel” Ricardo Coutinho do PSB). Somente em dois estados aconteceu o desalinhamento: Dilma ganhou no Pará e em Pernambuco e seus candidatos a governador perderam, neste último caso devido à comoção com a morte de Eduardo Campos. Já Aécio e seus aliados venceram nos estados: Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Mato Grosso, Rio Grande do Sul (nestes três últimos casos, Aécio teve o apoio de candidatos vencedores “infieis” do PMDB e PDT). Com Aécio somente em quatro pequenos estados aconteceram desalinhamentos: o tucano ganhou no Acre, Santa Catarina, Roraima e Rondônia e seus aliados perderam as eleições para os governos estaduais. Como se vê, a tendência amplamente dominante no Brasil foi a nacionalização das eleições para os governos dos estados.

Qual a polarização realizada por Dilma Rousseff, que acabou levando à nacionalização das eleições para os governos estaduais? A petista apostou na polarização social do voto dos brasileiros. O maior trunfo da candidatura de Dilma foi sua identificação com os pobres e com os trabalhadores. Isso foi identificado pelo principal articulista do jornal Estadão, José Roberto Toledo, na apresentação da primeira pesquisa do Ibope do segundo turno. Disse ele: “O pior da pesquisa para o tucano é que ela confirma as bases do marketing petista, que aposta num confronto retórico entre o “candidato dos ricos” contra o “candidato dos pobres”. Não apenas a petista vai melhor do que o tucano entre os eleitores de menor renda e menor escolaridade. Ela projeta a imagem de representante dos pobres (para 56% do eleitorado, contra 25% que apontam Aécio), dos trabalhadores (50% a 31%), dos

aposentados (47% a 30%) e até dos jovens (44% a 35%). Já Aécio projeta a imagem de representante dos ricos (48% a 31%) e dos empresários (47% a 34%). Eles empatam tecnicamente como representante dos bancos: 40% para Aécio, 37% para Dilma."Veja só: o marketing do PT no segundo turno não precisou criar uma identificação de Dilma com os pobres e os trabalhadores; ele apenas reforçou e aprofundou uma identificação já existente na maioria da população.

Vitória de Dilma foi prevista por FHC

Fernando Henrique disse, há dois anos atrás, que a aproximação do PSDB com os pobres seria uma condição "para êxitos futuros". Em artigo publicado em 2012 no Globo e no Estado de S. Paulo, FHC fez seu próprio balanço das eleições municipais. E disse que o PSDB deveria, sim, se renovar, aproximando-se dos mais pobres. Disse ele: "Renovar implica comunicar-se melhor, usando linguagem contemporânea nas mídias televisivas e eletrônicas. Mas não basta a pregação durante o horário eleitoral. É preciso a reiteração cotidiana das crenças e dos valores partidários, para reagir à tentativa de estigmatizar o PSDB como o partido "dos ricos", privatista a qualquer custo e arrogante. Perguntem aos pobres de Maceió, Teresina, Belém ou Manaus em que partido votaram e verão que a identificação com os partidos se dá mais pela mensagem e pelas características de quem a proclama e a quem se dirige do que por classificações abstratas de segmentos sociais. Sem deixar de ser um partido modernizador, o PSDB, como escrevi tantas vezes, deve se dirigir aos mais pobres, mas também às classes médias, tanto às antigas como às camadas que aumentaram a renda, mas ainda não têm identificação social própria. É esse o caminho para êxitos futuros."

Não se sabe por quais razões, FHC abandonou sua análise anterior e deu a Dilma o argumento que precisava para polarizar a eleição, quando disse em pleno processo eleitoral: "O PT está fincado nos menos informados, que coincide de ser os mais pobres. Não é porque são pobres que apóiam o PT, é porque são menos informados".

O cientista político Fernando Limongi previu a vitória de Dilma e afirmou, com ironia, que a vitória de Aécio desmentiria a análise sociológica de FHC. Trata-se de uma passagem longa mas necessária para a compreen-

são do leitor: “A polarização construída pela campanha do PT simplificou e reduziu a miríade das questões em jogo. Mas esta é uma simplificação necessária e inescapável em disputas majoritárias. Eleitores têm e apenas um voto. São forçados a fazer uma única escolha e sabem que só um dos candidatos será eleito. Assim, os cidadãos não podem votar ao mesmo tempo nas políticas sociais de Dilma, nas ambientais e éticas de Marina e nas econômicas de Aécio. O eleitor é forçado a dar peso diverso a cada uma destas dimensões para concluir qual deles merecerá seu voto. A lógica da disputa de um segundo turno é ainda mais implacável. São apenas duas candidaturas e pouco tempo de campanha”. (...) “Cada um dos candidatos conta com boas razões para acreditar no seu favoritismo. Aécio chega ao segundo turno com a maré ao seu lado, em uma situação radicalmente diferente daquela em que encontravam Serra e Alckmin nas três últimas eleições. Aécio “atropelou” no final. Renasceu na última semana de campanha. Resta saber se vai conseguir manter o sprint, se vai continuar crescendo. Por espetacular que tenha sido a sua arrancada, acabou com a votação obtida por Serra quatro anos atrás. Dilma conta com a fidelidade do eleitorado petista. A estabilidade está do seu lado. Como notou Fernando Henrique Cardoso, o eleitor de baixa renda tem optado pelo PT e isto tem sido decisivo. Assim, para que Aécio vença, será preciso desmentir a análise sociológica do ex-presidente”. (Valor Econômico, 10/10/2014).

Para a oposição – PSDB, DEM, PPS, PSB, Rede, etc – a polarização era continuidade x mudança. Os números indicavam, de fato, um enorme sentimento de mudança na população brasileira, que chegou no início de setembro a incríveis 79%, baixando levemente para 72% no final de outubro. A campanha de Dilma dialogou intensamente com o sentimento de mudança, apontando a necessidade de “mudança no governo e não mudança de governo”. Para isso adotou slogans e jingles que expressavam este caminho: “Mais mudanças, mais futuro”, foi o slogan no primeiro turno. “Governo novo, idéias novas”, foi o slogan do segundo turno. O belo jingle de campanha tinha como refrão: “O que tá bom, vai continuar, o que não está a gente vai melhorar”.

O que acabou prevalecendo nas eleições foi a disputa de esquerda X direita, como afirmou Paulo Nogueira antes do segundo turno: “Agora Aécio e aliados vão dizer que é mudança versus continuidade. Mas não é. Agora é esquerda versus direita. Ou centro-esquerda versus centro-direita. Com

Marina no segundo turno, se poderia levar razoavelmente a sério a hipótese da mudança. Mas com Aécio, não. O Aécio real, o de Armínio Fraga, tem um programa econômico que é uma réplica do thatcherismo dos anos 1980. Thatcher, para quem não lembra, foi a real inspiração de FHC – a começar pela fé cega em que privatizações e desregulamentações eram a receita sagrada para dinamizar uma economia. Enxergar com clareza a oposição entre direita e esquerda vai ajudar muita gente indecisa a tomar uma posição, quer para um lado ou para outro. Nunca, nos embates entre PT e PSDB, foi tão nítida a diferença entre as visões de mundo que os comandam”. (Diário de Centro do Mundo, outubro de 2014).

Dilma ganhou com 3.459.963 votos de frente sobre Aécio

Com uma polarização social do voto, Dilma venceu as eleições presidenciais, com a votação de 54.501.118 brasileiros(as), contra 51.041.155 brasileiros(as) que votaram em Aécio Neves. A petista venceu Aécio por 20.176.579 a 7.967.846 votos no Nordeste, uma diferença de 12.208.733 votos; venceu o tucano no Norte por 4.393.301 a 3.376.148 votos, uma diferença de 1.017.153. Aécio venceu nas três outras regiões, mas não conseguiu tirar a diferença. O tucano ganhou de Dilma no Sudeste com 25.470.265 a 19.867.894 votos, uma diferença de 5.602.371 votos, que não foi maior devido à vitória da petista no Rio de Janeiro e em Minas Gerais; Aécio ganhou as eleições no Sul com 9.686.559 a 6.759.908 votos, uma diferença de 2.926.651 votos, e venceu também no Centro-Oeste, com 4.388.594 a 3.254.304 votos, uma diferença de 1.134.290 votos.

Como já vimos, numa eleição politizada e polarizada como a de 2014, houve uma verdadeira vinculação dos votos para presidente e governadores na maioria e nos mais importantes estados brasileiros. Como aconteceu um desalinhamento das eleições presidenciais e governador em Minas Gerais na última década, muitas pessoas defenderam na campanha a manutenção de um certo distanciamento da candidatura de Fernando Pimentel da candidatura de Dilma no Estado. Minas Gerais não é um bom exemplo porque durante pelos menos três eleições – 2002, 2006 e 2010 – prevaleceu um acordo informal - “Lulécio” – pelo voto em Lula para presidente e Aécio Neves para governador. Nas eleições de 2010, ainda que de forma menos intensa, teve peso político o “Dilmasia”, com o voto em

Dilma para presidenta e Antônio Anastasia para o governo do Estado. Com o fim do “Lulécio” e do “Dilmasia”, Minas Gerais, assim como todo o Brasil, alinhou as duas eleições majoritárias.

Paulo Peixoto, correspondente da Folha, em Belo Horizonte, colocou lado a lado dois mapas com as votações para presidente e governador em Minas, no primeiro turno, e escreveu no título da matéria: “Em Minas, PT e PSDB ‘clonam’ votações presidencial e estadual”. Escreveu ele: “Nas duas disputas, presidencial e regional, é quase idêntica a distribuição dessa preferência. Os mapas mostram que Aécio e Pimenta venceram na maior parte sul do mapa, exceto na região da Zona da Mata (região de Juiz de Fora)”. (...) “Dilma e Pimentel venceram na maior parte norte do mapa, excluindo uma área importante do noroeste (Unai e Paracatu), onde o agronegócio prevalece (o que remete à vitória tucana em Mato Grosso, também sob forte influência agrícola)”. (...) “A divisão do mapa espelha características diferentes das regiões, mas não necessariamente com o PSDB vencendo em todas as regiões mais ricas. Já o PT venceu em todas as regiões mais pobres”. (...) “O PSDB venceu em regiões ricas, populosas e produtoras rurais, como o sul e o sudoeste mineiro e parte importante da região metropolitana da capital Belo Horizonte. Mas nesse caso há situações de cidades com vitórias simultâneas do tucano Aécio e do petista Pimentel, por exemplo”. (...) “O PT abocanhoun grande parte do Triângulo Mineiro, também com agroindústria forte, e quase a totalidade do Rio Doce (leste), norte e dos vales do Mucuri e Jequitinhonha”. “Essas últimas são as regiões mais pobres do Estado, com ampla penetração dos programas sociais do governo federal, como o Bolsa Família e o Luz para Todos”. (Folha de S.Paulo, 06/1014).

Aécio nacionalizou a eleição para o governo do Estado e se deu mal. Acabou prestando bons serviços às candidaturas de Dilma e de Fernando Pimentel. O tucano achava que bastava se apresentar com Anastasia ao lado de Pimenta da Veiga, e Pimentel ao lado de Dilma, que a eleição do tucano para o governo de Minas seria certa. Perdeu três vezes: para presidente no primeiro turno, para governador no primeiro turno e para presidente no segundo turno. Aécio subestimou a força das políticas sociais e das principais lideranças petistas em Minas Gerais. Um claro indicativo dos erros dos tucanos é uma pesquisa do jornal Estado de Minas, publicada em outubro de 2013, que indicava que Lula e Dilma (com 41,7%) tinham mais capaci-

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

dade de transferência de votos no Estado para o candidato para Fernando Pimentel do que Aécio e Anastasia (38,9%) para Pimenta da Veiga. O triunfalismo e o anti-petismo cegaram os tucanos mineiros, que, pelo visto, não leram as pesquisas sobre as tendências do eleitorado de Minas.

A FORÇA DAS POLÍTICAS SOCIAIS FOI DETERMINANTE NAS ELEIÇÕES EM MINAS

Publicamos diversas tabelas com o PIB per capita e o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH do Brasil e de Minas Gerais, que mostram claramente porque os mineiros se uniram aos nordestinos para eleger Dilma Rousseff e porque, na expressão de Kiko Nogueira, do Diário do Centro do Mundo, “Minas livrou o Brasil de seu filho”.

Minas Gerais é a terceira maior economia brasileira no tamanho do Produto Interno Bruto – PIB (R\$ 403,551 bilhões, em 2012), ficando atrás apenas dos estados de São Paulo (R\$ 1,409 trilhão) e Rio de Janeiro (R\$ 504,221 bilhões). Mas no PIB per capita (PIB dividido pelo número de habitantes), principal indicador de riqueza da sociedade, nosso estado desaba, ocupando tão somente 10ª colocação, ficando atrás de Distrito Federal, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul. Minas Gerais com PIB per capita de R\$ 20.324,58 fica abaixo do indicador nacional de R\$ 22.645,86, fica bem abaixo do PIB per capita do Sudeste – R\$ 29.718,34 e é o penúltimo colocado, como vimos, dentre os 11 estados do Sudeste, Sul e Centro-Oeste, ficando à frente somente de Goiás. No Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, que reúne indicadores de renda, longevidade e educação, a situação não é muito diferente: Minas Gerais ocupa a nona colocação dentre os diversos estados brasileiros, ficando atrás do Distrito Federal, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Goiás. Veja as **tabelas 1 e 2**.

Minas são muitas, dizia Guimarães Rosa. De fato, do ponto de vista econômico e social, nosso estado é um dos mais desiguais do Brasil. Temos regiões com PIB per capita equiparados aos estados mais ricos da federação, bem como regiões com este mesmo indicador inferior aos estados mais pobres do Nordeste. O Triângulo Mineiro (R\$ 28.215,42 de PIB per capita), região Central (R\$ 25.825,97), Alto Paranaíba (R\$ 22,859,46), Sul de Minas (R\$ 18.881,42) se equiparam a diversos estados do Sudeste. Já o PIB per capita de outras regiões – Jequitinhonha / Mucuri (R\$ 7.255,52), Norte de Minas (R\$9.276,98) - é inferior ao do Nordeste (R\$ 11.044,59) e se equipara a dos estados mais pobres daquela região – como Maranhão, Piauí

Tabela 1

PRODUTO INTERNO BRUTO, POPULAÇÃO RESIDENTE E PRODUTO INTERNO PER CAPITA SEGUNDO GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 2012

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PRODUTO INTERNO BRUTO (1 000 000 R\$)	POPULAÇÃO RESIDENTE (HAB.) (1)	PRODUTO INTERNO BRUTO PER CAPITA (R\$)
Brasil	4 392 094	193946 886	22 645,86
Norte	231 383	16 318 163	14 179,48
Roraima	7 314	469 524	15 577,13
Pará	91 009	7 792 561	11 678,96
Amapá	10 420	698 602	14 914,84
Tocantins	19 530	1 417 694	13 775,67
Nordeste	595 382	53 907 144	11 044,59
Maranhão	58 820	6 714 314	8 760,34
Piauí	25 721	3 160 748	8 137,51
Ceará	90 132	8 606 005	10 473,12
Rio Grande do Norte	39 544	3 228 198	12 249,46
Paraíba	38 731	3 815 171	10 151,88
Pernambuco	117 340	8 931 028	13 138,48
ALAGOAS	29 545	3 165 472	9 333,43
Sergipe	27 823	2 110 867	13 180,93
Bahia	167 727	14 175 341	11 832,33
Sudeste	2 424 005	81 565 983	29 718,34
Minas Gerais	403 551	19 855 332	20 324,58
Espírito Santo	107 329	3 578 067	29 996,30
Rio de Janeiro	504 221	16 231 365	31 064,63
São Paulo	1 408 904	41 901 219	33 624,41
Sul	710 860	27 731 644	25 633,53
Paraná	255 927	10 577 755	24 194,79
Santa Catarina	177 276	6 383 286	27 771,85
Rio Grande do Sul	277 658	10 770 603	25 779,21
Centro-Oeste	430 463	14 423 952	29 843,65
Mato Grosso do Sul	54 471	2 505 088	21 744,32
Mato Grosso	80 830	3 115 336	25 945,87
Goiás	123 926	6 154 996	20 134,26
Distrito Federal	171 236	2 648 532	64 653,00

Fonte: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA; e Coordenação de População e Indicadores Sociais.

(1) População estimada para 1º de julho de 2012 segundo os municípios, enviada ao Tribunal de Contas da União - TCU em 31.10.2012.

Tabela 2

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – IDH POR ESTADOS BRASILEIROS - 2010

ESTADO	IDH	IDHM RENDA	IDHM LONGEVIDADE	IDHM EDUCAÇÃO
Distrito federal	0.824	0.863	0.873	0.742
São Paulo	0.783	0.789	0.845	0.719
Santa Catarina	0.774	0.773	0.860	0.697
Rio de Janeiro	0.761	0.782	0.835	0.675
Paraná	0.749	0.757	0.830	0.668
Rio Grande do Sul	0.745	0.769	0.840	0.642
Espírito Santo	0.740	0.743	0.835	0.653
Goiás	0.735	0.742	0.827	0.646
Minas Gerais	0.731	0.730	0.838	0.638
Mato Grosso do Sul	0.729	0.740	0.833	0.629
Mato Grosso	0.725	0.732	0.821	0.635
Amapá	0.708	0.694	0.813	0.629
Roraima	0.707	0.695	0.809	0.628
Tocantins	0.699	0.690	0.793	0.624
Rondônia	0.690	0.712	0.800	0.577
Rio Grande do Norte	0.684	0.678	0.792	0.597
Ceará	0.682	0.651	0.793	0.615
Amazonas	0.674	0.677	0.805	0.561
Pernambuco	0.673	0.673	0.789	0.574
Sergipe	0.665	0.672	0.781	0.560
Acre	0.663	0.671	0.777	0.559
Bahia	0.660	0.663	0.783	0.555
Paraíba	0.658	0.656	0.783	0.555
Piauí	0.646	0.635	0.777	0.547
Pará	0.645	0.646	0.789	0.528
Maranhão	0.639	0.612	0.757	0.562
Alagoas	0.631	0.641	0.755	0.520

Fonte: ONU

e Alagoas. E mais: temos também desigualdades intra-regionais graves, como no caso de grandes cidades dormitórios da Grande BH. Esmeraldas (R\$6.247,04), Ribeirão das Neves (R\$ 7.242,03), Ibirité (R\$ 8.472,61), têm PIB per capita inferiores a das regiões mais pobres de Minas, como Jequitinhonha / Mucuri e Norte de Minas, o que faz destas cidades enclaves de miséria em uma região rica como a Grande Belo Horizonte. E mesmo nas cidades mais ricas, como Belo Horizonte, Betim e Contagem, existem bairros e regiões de elevada exclusão social. Veja as **tabelas 3 e 4**.

Tabela 3

PRODUTO INTERNO BRUTO E PIB PER CAPITA A PREÇOS CORRENTES NAS REGIÕES DE PLANEJAMENTO DE MINAS GERAIS – 2011

ESPECIFICAÇÕES	PIB TOTAL – EM R\$ MIL	PIB PER CAPITA – EM R\$
Minas Gerais	386.155.622	19.573,29
- Alto Paranaíba	15.096.270	22.859,46
- Central	181.408.234	25.825,97
- Centro-Oeste de Minas	17.743.925	15.697,09
- Jequitinhonha / Mucuri	7.284.706	7.255,52
- Zona da Mata	28.850.550	13.207,56
- Noroeste de Minas	7.490.839	20.307,09
- Norte de Minas	15.023.968	9.276,98
- Vale do Rio Doce	21.620.479	13.282,86
- Sul de Minas	49.166.807	18.881,48
- Triângulo	42.469.845	28.215,42

Fontes: IBGE / Fundação João Pinheiro

Minas, uma fortaleza de Lula

O sociólogo Marcos Coimbra, presidente do Vox Populi, ao analisar a aprovação ao final do mandato do presidente Lula, afirmou que depois do Nordeste a fortaleza do petista era Minas Gerais. Com a posição que ocupa no PIB per capita e no IDH nacional, não é de se estranhar porque Lula e também a mineira / gaúcha Dilma gozam de um enorme prestígio em nosso Estado. E a presença de Lula é marcante em Minas Gerais. Lula disse certa vez, em um comício em Belo Horizonte, que conhecia mais nosso Estado do que Aécio Neves, tendo visitado ao longo de sua trajetória todas as regiões e um enorme número de cidades mineiras. A provocação de

Tabela 4

PRODUTO INTERNO BRUTO - PIB PER CAPITA A PREÇOS CORRENTES NAS PRINCIPAIS CIDADES DA GRANDE BELO HORIZONTE – 2011

CIDADE	PIB PER CAPITA – EM R\$
Nova Lima	78.974,20
Betim	73.220,00
Contagem	31.069,26
Belo Horizonte	23.053,07
Lagoa Santa	17.850,57
Sabará	11.634,17
Santa Luzia	10.442,65
Ibirité	8.472,61
Ribeirão das Neves	7.242,03
Esmeraldas	6.247,04

Fontes: IBGE / Fundação João Pinheiro

Lula não foi respondida porque não tinha resposta possível. O prestígio de Lula e Dilma em Minas resultam do enorme peso que as políticas sociais implementadas pelos dois em nosso estado.

Em um jornal programático que redigimos para a candidatura vitoriosa da petista Marília Campos – deputada estadual, abordamos a gigantesca inclusão social que as políticas públicas petistas possibilitaram no Estado. Baseamos em dados oficiais e, em alguns casos, realizamos estimativas. Vejamos os números. Foram gerados em Minas nos governos Lula e Dilma 2 milhões de novos empregos de carteira assinada e a taxa de desemprego recuou de 10,6% para 4,2%. O salário mínimo passou de R\$ 200,00 para R\$ 724,00, com aumento real de 73%, o que beneficiou a 5 milhões de trabalhadores mineiros, aposentados e ativos, dos setores público e privado. Cerca de 4,2 milhões de mineiros entraram para a classe média, com renda familiar acima de R\$ 1.750,00. O Bolsa Família garantiu proteção social par 1,200 milhão de famílias, com pagamentos anuais da ordem de R\$ 2 bilhões. O programa Minha Casa, Minha Vida garantiu moradias para 336 mil famílias, sendo que 200 mil já foram entregues e outras 136 mil foram contratadas. Os pagamentos da Previdência Social passaram de R\$ 9,341 bilhões para R\$ 38,556 bilhões, um crescimento real acima da inflação de 87%, devido a ampliação do número de beneficiários e com o aumento do mínimo de 2,400 milhões de beneficiários que recebem o piso previdenciário. A taxa de crescimento do Estado acelerou de 2,17% para 3,34%

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

ao ano. O Programa Mais Médicos garantiu 1.235 novos profissionais em dezenas de municípios. Na educação, 136 mil mineiros foram contemplados com o ProUni, 800 mil jovens tiveram acesso ao Pronatec, mais de 500 creches foram construídas ou estão em construção, além da implantação de novas universidades e escolas técnicas. Os recursos para a agricultura familiar (PRONAF) passaram de R\$ 200 milhões para R\$ 2,5 bilhões. Com o Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, Minas recebeu centenas de obras de saneamento, trânsito, mobilidade urbana, urbanização, pavimentação, contenção de áreas de risco, etc.

O que Aécio Neves ofereceu aos mineiros, como alternativa a tudo isso? Praticamente nada. Os programas sociais dos tucanos em Minas Gerais – Poupança Jovem, Fica Vivo, Mães de Minas e outros – que o tucano prometeu expandir para todo o Brasil não passam de “programas piloto” sem nenhuma amplitude e abrangência. O “principal” deles – Poupança Jovem – está presente em apenas 9 dos 853 municípios mineiros. Na área social, o tucano prometeu apenas “medidas impopulares”. Sua campanha, para agradar a direita, foi, no essencial, focada no anti-petismo. Aécio Neves, com sua campanha de ódio, despertou sentimentos os mais sombrios. Como afirmou uma resolução do PT: “A oposição, encabeçada por Aécio Neves, além de representar o retrocesso neoliberal, incorreu nas piores práticas políticas: o machismo, o racismo, o preconceito, o ódio, a intolerância, a nostalgia da ditadura militar”. Assustados com as idéias sombrias de Aécio e de seus apoiadores, os mineiros mais pobres, segmentos da classe média progressistas e humanistas decidiram votar, de forma majoritária, em Dilma Rousseff.

O tombo de Aécio Neves em Minas Gerais foi enorme. A revista Época resumiu os planos triunfalistas dos tucanos mineiros e a enorme decepção depois das eleições: “Em 2006, Aécio Neves (PSDB) foi reeleito governador de Minas Gerais com 77% dos votos válidos. No começo de 2010, deixou o governo do Estado, com 92% de aprovação dos mineiros. Nas eleições daquele ano, fez barba, cabelo e bigode. Elegeu seu vice, Antonio Anastasia, no primeiro turno, para o governo do Estado. Chegou ao Senado com uma votação impressionante. De quebra, ainda conseguiu eleger o ex-presidente Itamar Franco, que fechava sua chapa, para a segunda vaga do Senado, derrotando Fernando Pimentel (PT), recém-eleito governador de Minas. Assim, as contas de Aécio e dos tucanos mineiros para as eleições

presidenciais deste ano eram que ele teria 2,5 milhões de votos a mais do que PT em Minas Gerais no primeiro turno. No segundo turno, a expectativa era de que Aécio venceria a petista Dilma Rousseff por mais de três milhões de votos". (...) "Quando as urnas foram abertas, elas trouxeram uma desagradável surpresa para Aécio em sua terra natal. Ele perdeu por mais de 500 mil votos no segundo turno. Uma vitória pela metade dos votos que imaginavam seus correligionários já seria suficiente para levar Aécio ao Palácio do Planalto" (Revista Época, 30/10/2014).

Dilma venceu em Minas com 550.601 votos de frente sobre Aécio

Dilma ganhou a eleição no primeiro turno em Minas com 4.829.513 votos (43,48% do total), contra 4.414.452 de Aécio Neves (39,75%) e 1.554.511 de Marina (14% do total) e demais candidatos tiveram 2,77% dos votos. No segundo turno, Dilma venceu com 5.979.422 votos (52,41% do total) contra 5.428.821 (47,59%) de Aécio Neves, o que deu à petista uma frente de 550.601 votos. A petista venceu em oito e Aécio em quatro mesorregiões de Minas Gerais. Dilma colheu os seus melhores resultados nas quatro mesorregiões com menor PIB per capita: Norte de Minas (71,07%), Jequitinhonha (65,82%), Zona da Mata (64,17%), Vale do Mucuri (60,91%) e venceu também no rico Triângulo Mineiro (56,81%), no Vale Rio Doce (55,97%) e no Campo das Vertentes (51,71%). Aécio venceu no Sul / Sudoeste de Minas (57,67%), no Oeste de Minas (54,95%), na Grande Belo Horizonte (54,75%) e na região Central (52,76%). Veja as **tabelas 5, 6 e 7**.

Levantamos outros dados sobre as eleições presidenciais em Minas Gerais. Dilma venceu as eleições em 11 das 20 maiores cidades de Minas Gerais – o G-20, o que mostra a forte base social também em grandes cidades, como Uberlândia, Juiz de Fora, Montes Claros, Uberaba, Divinópolis, Teófilo Otoni, Patos de Minas, Barbacena e, com destaque, é preciso ressaltar a vitória em grandes cidades da região metropolitana, como Betim, Ribeirão das Neves, Ibirité. Já Aécio venceu em Belo Horizonte (com 64,27% dos votos) e, com menor proporção de votos, também em Contagem, Governador Valadares, Ipatinga, Sete Lagoas, Santa Luzia, Poços de Caldas e Pouso Alegre. Veja as **tabelas 8 e 9**.

Realizamos também um levantamento do desempenho do PT em Minas

||||||||||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||||||||||||

Tabela 5

VOTAÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM MINAS GERAIS – 2014 - 1º TURNO

CANDIDATO	PARTIDO	NÚMERO VOTOS	% votos
Dilma Rousseff	PT	4.829.513	43,48
Aécio Neves	PSDB	4.414.452	39,75
Marina Silva	PSB	1.554.511	14,00
Luciana Genro	PSOL	139.741	1,26
Everaldo Pereira	PSC	67.468	0,61
Eduardo Jorge	PV	54.411	0,49
Levy Fidelix	PRTB	25.929	0,23
José Maria de Almeida	PSTU	8.357	0,08
José Maria Eymael	PSDC	5.544	0,05
Mauro Iasi	PCB	5.468	0,05
Rui Costa Pimenta	PCO	1.489	0,01

Fonte: TSE

Tabela 6

VOTAÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM MINAS GERAIS – 2014 - 2º TURNO

CANDIDATO	PARTIDO	NÚMERO VOTOS	% votos
Dilma Rousseff	PT	5.979.422	52,41
Aécio Neves	PSDB	5.428.821	47,59

Fonte: TSE

Tabela 7

VOTAÇÃO PARA PRESIDENTE EM MINAS GERAIS NAS 12 MESORREGIÕES – 2014 - 2º TURNO

MESORREGIÃO	DILMA	% VOTOS	AÉCIO NEVES	% VOTOS
Campo das Vertentes	177.436	51,71	165.700	48,29
Central Mineira	114.934	47,24	128.374	52,76
Jequitinhonha	226.958	65,82	117.883	34,18
Metropolitana de BH	1.664.522	45,25	2.013.987	54,75
Noroeste de Minas	115.261	55,30	93.167	44,70
Norte de Minas	618.072	71,07	251.537	28,93
Oeste de Minas	259.440	45,05	316.390	54,95
Sul/Sudoeste de Minas	629.175	42,33	857.059	57,67
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	712.461	56,81	541.710	43,19
Vale do Mucuri	121.996	60,91	78.292	39,09
Vale do Rio Doce	511.747	55,97	402.631	44,03
Zona da Mata	827.420	64,17	462.091	35,83
Total	5.979.422	52,41	5.428.821	47,59

Fonte: TSE



Tabela 8

VOTAÇÃO PARA PRESIDENTE NAS 20 MAIORES CIDADES DE MINAS GERAIS – G-20 – 2014–2º TURNO

CIDADE	DILMA	% VOTOS	AÉCIO NEVES	% VOTOS
Belo Horizonte	521.042	35,73	937.428	64,27
Uberlândia	201.050	56,49	154.828	43,51
Contagem	163.197	48,02	176.648	51,98
Juiz de Fora	186.528	63,34	107.957	36,66
Betim	117.085	56,21	91.227	43,79
Montes Claros	124.127	62,05	75.916	37,95
Ribeirão Neves	77.642	54,97	63.600	45,03
Uberaba	96.177	57,60	70.787	42,40
Gov. Valadares	72.030	48,77	75.653	51,23
Ipatinga	63.340	46,94	71.599	53,06
Sete Lagoas	58.317	47,59	64.222	52,41
Divinópolis	70.325	55,49	56.409	44,51
Santa Luzia	53.475	46,02	62.735	53,98
Ibirité	49.200	60,62	31.957	39,38
Poços de Caldas	38.152	44,17	48.215	55,83
Patos de Minas	40.254	50,70	39.149	49,30
Teófilo Otoni	40.927	57,51	30.241	42,49
Pouso Alegre	29.353	38,43	47.029	61,57
Barbacena	47.436	64,13	26.535	35,87
Sabará	31.075	45,97	36.522	54,03

Fonte: TSE

Tabela 9

OPT NAS ELEIÇÕES PARA PRESIDENTE – MINAS GERAIS – 1989 A 2014 – 2º TURNO

ANO	VOTOS 1º TURNO	%	VOTOS 2º TURNO	%
1989 – Lula	1.792.789	21,30	3.355.121	41,80
1994-Lula	1.532.740	21,90	--	--
1998-Lula	2.129.100	28,06	--	--
2002-Lula	4.990.085	53,01	6.384.473	66,45
2006-Lula	5.192.439	50,80	6.808.417	65,19
2010-Dilma	5.067.399	46,98	6.220.125	58,45
2014-Dilma	4.829.513	43,48	5.979.422	52,41

Fonte: TSE

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

Gerais nas eleições presidenciais desde a redemocratização, que mostram que o Partido cresceu lentamente sua votação no Estado nas eleições de 1989, 1994, e 1998, atingiu seu melhor desempenho nos segundo turno em 2002, com 66,45% dos votos válidos, e perdeu 14% de sua votação recuando, agora em 2014, para 52,41%. Uma das principais preocupações é a cidade de Belo Horizonte, onde alcançamos impressionantes 75,64% dos votos em 2002 e recuamos, agora em 2014, para apenas 35,73% dos votos válidos. Veja a **tabela 10**.

Tabela 10

EVOLUÇÃO DOS VOTOS DO PT PARA PRESIDENTE EM BH – 1989 A 2014

ANO	1º TURNO	% VOTOS	2º TURNO	% VOTOS
1994	243.665	23,41	-	-
1998	357.705	32,14	-	-
2002	780.522	58,42	989.976	75,64
2006	588.898	44,53	848.978	63,20
2010	434.157	30,92	651.989	49,61
2014	359.752	25,11	521.042	35,73

Fonte: TSE

Minas e a polarização social do voto

Na ampla seleção de artigos e textos que pesquisamos são poucos autores que ressaltam aquilo que nos parece fundamental na derrota de Aécio Neves e de Pimenta da Veiga: a força das políticas sociais de inclusão social dos governos Lula e Dilma em Minas Gerais. São os casos de Juarez Guimarães, cientista político da UFMG; Vittorio Medioli, colunista e dono do Jornal O Tempo.

Juarez Guimarães, em entrevista a Najla Passos, da Agência Carta Maior, afirmou que em Minas Gerais, assim como aconteceu em todo o Brasil, foi clara a polarização social do voto. Najla escreveu: “A projeção triunfalista de que Aécio ganharia as eleições presidenciais com grande folga em Minas acabou se transformando na principal debilidade do PSDB. Ao contrário dos piores prognósticos tucanos, o candidato perdeu na sua terra natal por mais de 500 mil votos no 2º turno. Foi derrotado no estado que, devido às suas imensas desigualdades sociais, é tido como um reflexo elei-

toral do país e, tradicionalmente, indica o vencedor da corrida à presidência da república". (...) "De acordo com o cientista político Juarez Guimarães, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a maioria do eleitorado mineiro, especialmente do ponto de vista social, se identifica mais com o nordeste do que com o sul. E isso, considerando a polarização social do voto verificada no país, acabou por favorecer a candidatura petista. "Das dez mesorregiões de Minas Gerais, a presidenta Dilma Rousseff foi a preferida em sete", contabiliza ele". (...) "O tucano Aécio Neves só obteve maioria no Sul de Minas, econômica e culturalmente ligado a São Paulo; na Grande BH, onde a máquina tucana segue firme e o antipetismo se consolida; e na Centro-oeste, região que reflete o pensamento médio da capital devido à proximidade e abarca terras históricas da família Neves, como o pequeno município de Cláudio, privilegiado com o polêmico aeroporto". (...) "Na capital mineira, Aécio teve uma vitória muito expressiva (64% a 35%), o que reflete uma sedimentação do antipetismo nas camadas médias da cidade e também o poderio das máquinas estaduais e municipais da coalizão montada pelo PSDB, com grande domínio na Assembleia Estadual, somada às forças de correntes evangélicas, de grande peso. Até mesmo em Contagem, cidade industrial da grande BH onde a esquerda sempre foi majoritária, Aécio ganhou por 52% a 48", acrescentou" (Carta Maior, 30/10/2014).

Vittorio Medioli realizou uma avaliação importante, em três artigos no jornal O Tempo, onde afirma também que a questão social definiu, em grande medida, as eleições em Minas Gerais. Disse ele: "O resultado do segundo turno de 2014 comprova e ainda acentua o recado deixado na votação de 2010". (...) "O Brasil não é um monolítico modelo social, mas dois, absolutamente díspares, assim como dois e diferenciados resultados se deram nas urnas, um conflitante com outro, entre Norte e Sul, delimitados pelo paralelo 19º, aquele que corta ao meio Minas Gerais de Leste a Oeste. Duas vertentes nitidamente diferenciadas que ajudaram Dilma Rousseff, apesar da crise e do baixo desempenho de seu governo, a levar uma vitória, apertada como nunca". (...) "Dilma foi esmagada abaixo do paralelo 19º por 12 milhões de votos de diferença, mas triunfou com 15 milhões acima desse paralelo que delimita formas e interesses de vida"(...) "Minas Gerais se confirmou como o Estado determinante na eleição presidencial, o fiel da balança". (...) "Deu a vitória a Dilma, confirmando ser o Estado que sintetiza a diversidade nacional. Basta ver que Dilma ganhou no Brasil com 51,64%

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

dos votos válidos, em Minas com 52,41%, apenas 0,77 ponto percentual de desvio de Minas para o Brasil. Demonstra assim, como já dissemos aqui repetidas vezes, que ganhar em Minas Gerais equivale a ganhar no Brasil". (...) "Para Aécio, que tinha em Minas seu trunfo inicial, exatamente em casa, de onde deveria sair com pelo menos 2 milhões de votos de frente, perdeu de 400 mil votos" (O Tempo, 2/11/2014).

Vittorio Medioli continua: "Numa radiografia de Minas nota-se que o resultado no Norte e no Jequitinhonha, as regiões semiáridas do Estado, acompanhou a realidade da votação do Nordeste brasileiro. Como lá, também aqui, a avalanche de votos, o vento do Norte do Estado, reverteu o resultado do Sul de Minas, positivo para Aécio, e deu a vitória final a Dilma no feudo mais tradicional dos tucanos". (...) "Minas, com suas diversidades, comprova que concentra a brasilidade. Aliás, o termo "mineiridade" se ergue das urnas com meridiana clareza como sinônimo de "brasilidade". Em Minas se encontra um pouco de tudo, em doses proporcionais ao que existe na federação. Entroncamento de estradas, canal por onde transita o fluxo migratório, receptáculo de todos os ventos, dispensador das águas acumuladas em suas represas". (...) "Aécio não conseguiu conquistar o Nordeste que existe dentro de Minas, evidentemente não o compreendeu como precisava, talvez o tenha subestimado. Ganhar o Nordeste de Minas, o semiárido do seu Estado, poderia ter mudado o resultado final? Provavelmente, sim". (...) "Daí vieram a derrota de Pimenta da Veiga e a de Aécio no segundo turno" (O Tempo, 2/11/2014).

Medioli concluiu dizendo que o PT, com os marqueteiros nordestinos, tem uma comunicação refinada com o Nordeste. Disse ele: "Faltou severamente na equipe de Aécio alguém que soubesse decifrar a alma do Norte e com ela se conectar. Dilma, ao contrário, usou um guru baiano (João Santana), alguém que o semiárido e o Nordeste respirou desde o berço". (...) "Todas as vitórias do PT foram conduzidas por técnicos em Nordeste, a primeira de Lula com o mago baiano, Duda Mendonça, mercê de uma comunicação altamente sensível. Aécio, por sua vez, não se preparou para convencer o Nordeste". (...) "O eleitor mais sofrido entende o recado peculiar do seu grau de compreensão e de uma realidade de "sobrevivência". Na campanha de Dilma sobraram recados para esse eleitor "sobrevivente", e na de Aécio nada apareceu na linguagem apropriada. Muito pouco que acenasse a um plano, um programa que viabilizasse a confiança em Aécio.

Nada que ousasse oferecer “mais” num programa sob medida voltado à região” (O Tempo, 2/11/2014).

Deixamos claro, finalmente, que se consideramos fundamental a polarização social do voto em Minas Gerais para as vitórias de Dilma e de Fernando Pimentel, existem outros aspectos também importantes que explicam esta eleição surpreendente, que trataremos nos próximos capítulos.

CANDIDATURA PRESIDENCIAL DE AÉCIO EXPÔS AS FRAGILIDADES DE SEU PROJETO EM MINAS

O senador Aécio Neves se apresentou ao Brasil na campanha presidencial de “salto alto”. Dizia ser “especialista em derrotar o PT”. Em declaração à mídia nacional, o tucano afirmou: “Em relação a resultado eleitoral, quem ganha, quem perde, todos temos que ter humildade de deixar essa decisão para os eleitores. O que posso dizer é que, ao longo desses últimos 15 anos, se eu me especializei em alguma coisa, foi em derrotar o PT sucessivamente. Acho que ninguém tem hoje no Brasil um know-how de ter imposto tantas derrotas ao PT como eu tenho”.

O tucano transmitiu ao Brasil a imagem de imbatível em Minas Gerais. De fato, com o “Lulécio”, Aécio se tornou “um especialista em derrotar o PT” nas eleições para o governo do Estado e para o Senado, mas ele se esqueceu de dizer também que se “tornou um freguês do PT” no Estado nas eleições para a presidência da República. E foi exatamente na eleição para presidente da República, na qual Aécio foi um dos protagonistas, que o tucano se deu mal. Ele previa que a sua candidatura presidencial turbinasse o seu projeto político do Estado. Mas aconteceu o contrário: a candidatura presidencial, agora tendo que enfrentar diretamente o PT e sem a blindagem de parte da mídia mineira, acabou por expor as enormes limitações, sobretudo sociais, do projeto tucano em Minas.

Quase todas as análises sobre os resultados em Minas não destacaram as vitórias de Dilma e de Fernando Pimentel, mas porque Aécio perdeu em seu próprio estado. A derrota do tucano em nosso estado não foi, como dissemos, “um acidente de percurso”, mas porque ele nunca teve a força que sempre propagandeou no Estado. Isso por dois motivos. Em primeiro lugar, a articulação do “Lulécio” em Minas deixou Aécio numa “zona de conforto”, como nas eleições de 2002 e 2006, quando enfrentou candidaturas a governador do PT sem força partidária e sem recursos financeiros. Em segundo lugar, Aécio contou com uma sólida blindagem de parte da mídia e de outras instituições estaduais ao seu governo e de seus aliados que nunca expuseram as limitações de seu projeto mineiro.

O “Lulécio” estabeleceu uma espécie de complementariedade entre o PT e o PSDB em Minas Gerais. Os mineiros votavam em Lula para presidente pela agenda social fortíssima do petista (emprego, renda, controle da inflação, aumento do crédito, programas de educação e habitação) e em Aécio Neves pelo trabalho de melhoria das finanças de Minas e pela retomada da capacidade do Estado de investimentos em grandes obras de infra-estrutura, sobretudo obras rodoviárias. E o mais importante: o “Lulécio” impediu uma disputa de projetos globais para Minas e para o País em nosso Estado.

Com o fim do “Lulécio” acabou a complementariedade de PT e PSDB em Minas Gerais e os dois partidos tiveram que disputar, especialmente a partir das eleições de 2014, projetos globais para o Estado – eleição para o governo do Estado – e projetos globais para o país – presidência da República. Aécio Neves levou a pior: perdeu a eleição para a presidência da República no primeiro e no segundo turnos no seu estado natal e ainda viu derrotado pelo PT seu candidato ao governo de Minas já no primeiro turno. Sua candidatura presidencial mostrou, de forma impressionante, a falta de compromisso com a inclusão social.

Para Aécio, política social é subproduto da política fiscal

Para Aécio Neves, a questão social nunca passou de um sub-produto da política fiscal. Disse ele: “A expressão “choque” foi utilizada com uma intenção: transmitir a necessidade da urgência, da intensidade com que estávamos dispostos a realizar as mudanças necessárias para uma maior eficiência na gestão pública. Choque de gestão não é um fim em si mesmo. É, na verdade, o caminho para atingirmos o que todo administrador público busca: a melhoria da vida da população. Sou dos que acreditam que os fins não justificam os meios. Pelo contrário, acredito que os meios acabam por definir os fins (Folha de S.Paulo, 7/10/2007). “O que estamos vivendo em Minas comprova que não existe nenhuma ação de maior alcance social do que a boa qualidade da gestão pública. Ela é o motor da transformação inadiável que precisamos fazer” (Estado de Minas, 7/09/2008). “Gastar menos com o governo, para gastar mais com a sociedade”, esta foi a tese repetida à exaustão por Aécio Neves.

Minas Gerais nunca teve política social relevante. O jornal O Tempo, de 9/11/2014, publicou uma radiografia dos programas sociais tucanos em Minas, que mostra que não passam de “programas piloto”. O “Poupança Jovem”, para estudantes do ensino médio, está presente em nove dos 853 municípios mineiros, com pagamentos anuais de R\$ 55 milhões. O “Travessia”, que visa reduzir a pobreza, tem para 2015 orçamento de apenas R\$ 47 milhões. O “Fica Vivo”, de prevenção da criminalidade é outro projeto restrito a poucos municípios. A “Educação em Tempo Integral” beneficia 110 mil alunos, com investimentos de R\$ 22 milhões. O “Mães de Minas”, que visa reduzir a mortalidade infantil, tem investimentos de apenas R\$ 10 milhões (O Tempo, 9/11/2014).

As propostas de Aécio- presidente na área social eram sem pé nem cabeça. Propunham estender para todo o Brasil programas que não existem sequer em Minas Gerais. Foi com este arsenal mixuruco de programas sociais que Aécio buscou enfrentar a candidatura de Dilma Rousseff. A petista contrapôs com a manutenção e ampliação do grande leque de programas sociais que realizaram as maiores mudanças no Brasil republicano: ampla geração de empregos formais; aumento da renda; continuidade da política do salário mínimo, que já garantiu aumento real de 73% nos últimos doze anos; ampliação do crédito, que aumentou fortemente o acesso dos mais pobres ao consumo de novos bens e serviços (automóvel, computador, viagens aéreas, etc); Bolsa Família; Minha Casa, Minha Vida; ProUni; Pronatec; construções de escolas infantis; Mais Médicos; Programa Mais Especialidades; dentre outros. Aécio prometia “manter os programas sociais”, mas ele mesmo se traía ao defender “medidas impopulares”, ao indicar Armínio Fraga para o ministro da Fazenda, que afirmou que o salário mínimo estava “muito alto”, Fernando Henrique criticou “os pobres desinformados” que votam no PT e, diariamente, a tropa de choque de direita detonava o Bolsa Família e os programas de inclusão social, com demonstrações selvagens de ataques aos pobres e nordestinos.

Sem agenda social, Aécio focou somente o anti-petismo

Sem programas sociais, não restou a Aécio senão a radicalização do discurso seletivo contra a corrupção e a polarização anti-PT. O cientista po-

lítico Cláudio Couto previu a vitória de Dilma bem antes da realização do segundo turno, em entrevista à revista CartaCapital, afirmando que “só o anti-petismo não elege Aécio”. Disse ele: “As pesquisas indicam que Dilma sempre teve folgada liderança entre os eleitores mais pobres, com renda de até dois salários mínimos. Entre aqueles com renda superior a dez salários mínimos, Aécio sempre manteve a dianteira. O que está em disputa são os votos das classes B e C. O PT deve manter a estratégia de destacar os avanços sociais, a valorização do salário mínimo, o elevado nível de emprego. Na disputa com Aécio, os petistas deverão explorar as comparações com o governo FHC. No caso do PSDB, o cenário é mais complicado. No segundo turno, o eleitorado costuma se dividir entre direita e esquerda. Para vencer, é preciso ir atrás do voto do eleitor mediano, caminhar para o centro”. Couto concluiu que o PSDB errou totalmente na estratégia política de ampliação de sua base social: “O PSDB passou a focar mais no antipetista do que no eleitor mediano. Para vencer, precisa fugir dessa lógica. Até porque, o eleitor antipetista já é dele, corre para o PSDB por força gravitacional. Aécio precisa sensibilizar quem não é necessariamente contra o PT. Resta a dúvida se eles vão conseguir abandonar esse discurso. O PSDB incorporou o antipetismo de forma muito clara” (CartaCapital, 08/10/2014).

A polarização do voto nacionalmente teve um peso decisivo na decisão do eleitorado mineiro. Com a vitória de Fernando Pimentel no primeiro turno, a campanha do PT apostou numa polarização “quem conhece não vota”, explorando, por exemplo, o descompromisso do tucano com os gastos em educação e saúde. Como disse Juarez Guimarães em entrevista à Carta Maior: “A maioria do eleitorado mineiro não é propriamente nordestina, mas está mais próxima do nordeste do que do sul do país. Então, a medida que o contraditório foi publicamente instalado, a dimensão social dos projetos foi revelada”.

Vittorio Medioli, do Jornal O Tempo, afirma que “São Paulo deu a Aécio o que Minas nunca deu a um tucano paulista”. Como vimos na eleição de 2014, Aécio não conseguiu dar a si próprio como candidato a maioria dos votos dos mineiros. Isto porque, o tucano nunca teve a força em Minas que transmitiu ao Brasil.

Campanha acabou com a blindagem que Aécio tinha em Minas

A presidenta Dilma Rousseff surpreendeu a oposição com uma linha de campanha de confronto político, rompendo, assim, com o formato de “campanhas propositivas” de outras eleições. Até onde temos informações foi a presidenta que liderou este formato de campanha, provavelmente devido à sua vinculação com a política do Rio Grande do Sul, onde as eleições se caracterizam por grandes enfrentamentos políticos. Tratou-se de uma linha de campanha arriscada, mas que acabou dando resultados positivos.

Os tucanos sentiram o golpe e reclamam ainda hoje de supostas “baixarias”. Em um balanço da eleição, Marcos Pestana, presidente do PSDB mineiro, afirmou: “Apesar do clima de ampla liberdade, a campanha de 2014 ficará marcada como uma das mais agressivas, na qual calúnias e agressões inaceitáveis foram manipuladas sem pudor. Dentro da lógica de que os fins justificam os meios, a campanha do PT, no desespero da manutenção do poder a qualquer preço, utilizou as redes sociais, SMSs e telefonemas, espalhando mentiras para ameaçar cidadãos e desconstruir adversários. Não bastasse isso, ataques injustificáveis agrediram a vida pessoal e familiar de candidatos” (O Tempo, 05/11/2014).

Aécio reclamou que, no segundo turno, dos 21 comerciais de Dilma no horário eleitoral, 19 fizeram campanha negativa contra sua candidatura. Os tucanos fazem pouco caso da inteligência do povo brasileiro. Suas campanhas eleitorais terceirizam os ataques ao PT, através da grande mídia, especialmente aquela do eixo Rio-SãoPaulo. Os dados do Manchetômetro demonstram isso: ao longo da campanha eleitoral, Dilma foi atacada 12,5 vezes mais que Aécio Neves – foram 702 manchetes negativas para a presidenta reeleita, enquanto Aécio registrou apenas 56. E os tucanos, de forma hipócrita, ainda se posam de “vítimas das baixarias”. Esta mídia atua, não somente nas eleições, mas realiza um sangramento permanente do PT e do governo federal petista. Para o bem da democracia seria melhor que, assim como na Europa e nos Estados Unidos, a mídia assumisse em editorial a sua preferência eleitoral e realizasse uma cobertura política menos editorializada e mais equilibrada. Seria melhor que o PSDB realizasse o confronto político de concepção de sociedade, de programas de

governo, de perfil e trajetórias de seus candidatos diretamente com o PT sem a terceirização através da mídia. O resto é hipocrisia e dor de cotovelo de derrotados pelo povo.

O experiente jornalista Paulo Nogueira, do Diário de Centro do Mundo, já no início da campanha eleitoral, alertava o despreparo de Aécio em lidar com as asperezas da vida. Disse ele: “Criança mimada, quando exposta às asperezas da vida, sofre em dobro. O mesmo vale para político mimado. Até há pouco tempo, Aécio viveu no mundo superprotegido de Minas Gerais. Jamais foi exposto pela mídia local, dependente dos anúncios do governo, a embaraços e a enfrentamentos. Isto o poupou de aborrecimentos, é certo. Mas o deixou absolutamente despreparado para lidar com outras coisas que não sejam tapinhas nas costas de repórteres. O caso do aeroporto – o primeiro grande teste de Aécio como vidraça – é exemplar. Ele vem mostrando não ter preparo nenhum para as adversidades jornalísticas. Nas vezes em que se pronunciou sobre o assunto, misturou nervosismo, arrogância e falta completa de convencimento”. (...) “A vida fácil de neto de Tancredo poupou Aécio de dissabores como este com que ele lida agora. Mas, ao virar personagem nacional, a mamata tinha mesmo que acabar. E o que se vê é uma criança mimada contrariada, pronta a culpar os outros pelas artes que comete. Num mundo menos imperfeito, ele retiraria sua candidatura, sob o assédio da mídia e, mais ainda, da opinião pública. Um homem que repetiu a palavra ética milhões de vezes, sobretudo para acusar seus adversários, não pode tropeçar, ou será visto como detentor de um descaro total. Mas este aqui é o mundo que temos. A mídia está fazendo o máximo para preservar Aécio: a mínima cobertura possível, tom quase dócil — o suficiente apenas para não passar vergonha. Mas não há nada que ninguém possa fazer para poupar Aécio das dores excruciantes que um político mimado sofre ao lidar com dificuldades das quais foi sempre protegido” (Diário de Centro do Mundo, 24/07/2014).

Aécio Neves promoveu a sua autodesconstrução

Foi também Paulo Nogueira que, na reta final do processo eleitoral, quem melhor opinou sobre a “desconstrução” de Aécio realizada pela campanha de Dilma. Trata-se de um texto longo, mas fundamental para se entender o que se passou com o tucano. Afirmou o jornalista: “Uma das palavras da moda nestas eleições é “desconstrução”. Ela tem sido usada pelos colonis-

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

tas VPs, em tom de pretensa indignação, para definir o que o PT teria feito com Marina, no primeiro turno, e Aécio, no segundo. Ah, sim: entenda, por VPs, as Vozes dos Patrões. Marina é história. Tratemos da “desconstrução” de Aécio. Desconstruir implica torcer fatos, manipular informações, inventar coisas que prejudiquem determinada pessoa. Nada, absolutamente nada disso foi feito com Aécio”.

Paulo Nogueira continua: “Examinemos alguns dados da alegada “desconstrução”. O aeroporto de Cláudio, por exemplo. Ele existe, ele custou cerca de 12 milhões, ele está situado num terreno que pertencia ao tio de Aécio e ele, embora pretensamente público, era usado privadamente por Aécio e uns poucos. Desde que o caso apareceu, Aécio não conseguiu dar uma única explicação que fizesse sentido. Porque não há como defender o que é moralmente indefensável. Construir o aeroporto de Cláudio acabou por desconstruir Aécio. Como quem construiu foi ele, podemos dizer que ele se desconstruiu. A partir dali, falar em decência e em ética, pregar sobre o uso de dinheiro público, bradar contra a corrupção – tudo isso soou farisaico, cínico, mentiroso em Aécio”. (...) “Consideremos agora os familiares e agregados empregados por Aécio. Para quem fala compulsivamente em “meritocracia” e “aparelhamento”, praticar o nepotismo é particularmente acintoso. A expressão maior do nepotismo de Aécio é sua irmã, Andrea Neves. Em seu governo em Minas, Andrea controlou as verbas de publicidade, uma atividade vital para o exercício de uma censura branca. Você premia, com dinheiro, quem dá boas notícias sobre você. Pune, fechando as torneiras das verbas, quem faz jornalismo verdadeiro. É uma situação que desconstrói quem quer que esteja no comando dela. Quem deu poderes a Andrea Neves? Foi Aécio. Não fui eu, não foi você, não foi o papa, não foi FHC. Logo, também aqui, ele próprio se desconstruiu. Não deve ser subestimado um fato, neste capítulo, que agrava as coisas. A família de Aécio tem pelo menos três rádios e um jornal em Minas, e para tudo isso foi destinado dinheiro público em forma de publicidade. É, em si, uma indecência. Mas, para quem se apresenta como guardião da moral, é pior ainda”. (...) “Ainda no capítulo do nepotismo, a trajetória de Aécio é o exato oposto da “meritocracia” de que ele fala abusivamente. Aos 17 anos, o pai deputado federal lhe deu um emprego na Câmara, em Brasília. Só que, com esta idade, ele se mudara para o Rio para estudar. Aos 25, um parente o nomeou diretor da Caixa Econômica Federal”.

Paulo Nogueira concluiu: "Isto não é desconstrução: é verdade. É biografia real. A verdade só desconstrói quando o objeto dela fez coisas que merecem desconstrução. Aécio era uma desconstrução à espera do momento em que luzes clareassem as sombras que sempre o acompanharam. Este momento veio quando ele se tornou candidato à presidência. Não bastassem os fatos, em si, houve as atitudes nos debates. A grosseria primeiro com Luciana Genro e depois com Dilma, o riso cínico e debochado: assim se desconstruiu a imagem de "bom moço". Mas de novo: Aécio não tem ninguém a quem culpar, também aí, senão a si próprio. Aécio, ao longo da campanha, promoveu uma minuciosa autodesconstrução. Ganhou a sociedade. Quem votar nele sabe em quem está votando" (Diário do Centro do Mundo, 21/10/2014).

O FIM DO “LULÉCIO” E DO “DILMASIA” E A REUNIFICAÇÃO DO PT MINAS

O PT demorou 32 anos para ganhar as eleições para o Governo de Minas, que é um estado, pelas suas características econômicas e sociais, muito propenso a votar na esquerda. Por que demoramos tanto tempo para lançar uma candidatura competitiva no Estado e para vencer a disputa, como fizemos agora em 2014, com Fernando Pimentel?

A história do PT, desde a sua criação, nos fornece elementos importantes para a discussão de um projeto alternativo para Minas Gerais. Nosso Partido surgiu priorizando a disputa nacional pela presidência da República, o que se materializou nas cinco candidaturas de Luiz Inácio Lula da Silva (1989, 1994, 1998, 2002 e 2006), que foram vitoriosas nestes dois últimos pleitos. As disputas pelos governos estaduais, ao contrário do PMDB, por exemplo, nunca estiveram no centro da estratégia política do PT. Essa estratégia, em grande medida, foi definida por Lula e pelo PT nacional, de forma formal ou informal, reservando pequena autonomia às direções estaduais. Foi assim na maioria dos Estados. Não significa que o PT não deveria lançar candidatos aos governos dos Estados. Pelo contrário, durante um longo período, o PT foi um dos partidos que mais lançou candidaturas estaduais. Mas estas candidaturas eram vistas mais como palanques para nossas candidaturas à presidência do que como alternativas concretas para vencer as eleições.

Tomemos os exemplos das eleições presidenciais de 2002 (coligação PT, PL, PC do B, PMN e PCB) e 2006 (coligação PT, PRB, PCdoB). Lula, sem uma coligação nacional forte que desse suporte à sua candidatura, optou por realizar campanhas sem grande verticalização e articulação com as campanhas para os governos dos Estados e senadores. As candidaturas de Lula, nessas duas ocasiões, só colaram nas disputas estaduais em São Paulo, domicílio eleitoral do presidente, nos Estados onde o PT montou palanques fortes e unitários e nos Estados com líderes oposicionistas mais duros, como no caso da Bahia de Antônio Carlos Magalhães. Afora estes casos, as candidaturas de Lula se mantiveram relativamente distantes das candidaturas petistas aos governos estaduais.

Em um grande número de Estados, Lula ampliou o palanque com partidos não coligados nacionalmente e estabeleceu alianças informais até mesmo com forças políticas adversárias no plano nacional. É o caso, entre outros, de Minas Gerais com Aécio Neves e o chamado “Lulécio”. O “Lulécio” surgiu com o então governador Itamar Franco, que apoiou Lula para a presidência e Aécio para o governo do Estado, e foi estimulado tanto pelo petista e quanto pelo tucano. Goste-se ou não, com a enorme fragilidade das coligações que sustentaram Lula em 2002 e 2006, dificilmente o petista teria chegado à presidência e conseguido a reeleição se não tivesse adotado uma tática eleitoral flexível e não verticalizada.

Portanto, não foram os petistas de Minas Gerais que inventaram o “Lulécio”. Esta foi uma construção, essencialmente nacional, em função da estratégia presidencial vitoriosa do presidente Lula em 2002 e 2006. O que o PT de Belo Horizonte fez em 2008, o que acabou dividindo gravemente o Partido não somente na capital mas em todo o Estado, foi dar uma base orgânica para o “Lulécio”, que deixou de ser um acordo informal assumindo características de uma frente política, ainda que sem uma coligação formal.

Sem apoio nacional, somente obtiveram sucesso nas eleições para os governos dos Estados, as direções estaduais que conseguiram criar as condições para candidaturas com projeto político consistente. Este foi o caso do Rio Grande do Sul, onde o PT governou duas vezes, com Olívio Dutra e, agora mais recentemente, com Tarso Genro. Em Minas Gerais isto não aconteceu. Em pelo menos sete eleições que disputamos para o governo de Minas – 1982, 1986, 1990, 1994, 1998, 2002, 2006 -, faltou “apetite político” no Partido: as eleições para governadores não foram priorizadas; nosso acúmulo político programático era sofrível e os candidatos escolhidos eram quadros partidários que “iam para o sacrifício”. Perdemos uma oportunidade valiosa para chegar ao governo de Minas em 2002, quando se abriu um claro espaço para uma terceira via, dado o fracasso dos governos de Eduardo Azeredo (PSDB) e de Itamar Franco (PMDB). Com Nilmário, chegamos a 30,73% dos votos, sendo o nosso melhor desempenho até aquele ano. A força do PT em Minas pode ser medido por outros números: Lula ganhou as eleições no Estado com 53% no primeiro turno e com 66,45% no segundo turno; Patrus Ananias foi o deputado federal mais votado da história de Minas, com 520.046 votos; o PT elegeu as maiores bancadas para a Câmara de Deputados e Assembleia Legislativa na história de

nosso Partido até hoje, com, respectivamente, 11 deputados federais e 15 deputados estaduais. Em 2010, ao contrário do que aconteceu nas eleições anteriores, inviabilizamos uma candidatura competitiva do PT para o governo do Estado por “excesso de apetite político” no Partido e pela impossibilidade de construção de uma candidatura forte e unitária.

O fim do “Lulécio” e a reunificação do PT Minas

Nas eleições de 2010, o “Lulécio” praticamente chegou ao fim com as mudanças políticas ocorridas no processo eleitoral. Lula, mesmo não sendo mais candidato, conseguiu articular em torno da candidatura de Dilma Rousseff uma e inédita coligação envolvendo 10 partidos (PT, PMDB, PDT, PSB, PR, PCdoB, PRB, PTN, PSC e PTC), além do apoio de largos setores do PP e PTB. Fortalecido por uma base partidária, Lula e o PT mudaram profundamente a tática eleitoral nacionalizando as eleições para os governos estaduais e até mesmo para o Senado. Ou seja, tivemos uma tática eleitoral verticalizada como nunca se viu antes. Pela primeira vez, tivemos em Minas um forte investimento de Lula e do PT no palanque estadual em torno de Hélio Costa, porque o senador era uma referência do acordo nacional com o PMDB e porque tinha um índice de intenção de voto muito expressivo, liderando todas as pesquisas durante meses. O PT e Lula apostaram em Patrus Ananias para vice-governador e em Fernando Pimentel para o Senado. A composição informal com Aécio ainda permaneceu, com o “Dilmasia”, mas restrita a uma pequena franja na política mineira.

O governador Aécio Neves, com seu projeto presidencial, já dava sinais – e isso há muito tempo – que pretendia romper com o “Lulécio”. O melhor exemplo é o da eleição presidencial de 2006, quando Aécio costurou com Geraldo Alckmin um acordo “café-com-leite”: eleger o paulista naquele ano e sucedê-lo em 2010. O governador se empenhou com força na onda que empurrou a eleição de 2006 para o segundo turno, ampliou a votação Geraldo Alckmin em Minas Gerais e quase conseguiu o empate em Belo Horizonte. Felizmente, essa onda foi revertida por Lula no segundo turno e o tucano recuou 500 mil votos em Minas. Já em 2010, no primeiro turno, Aécio adotou a tática eleitoral de desnacionalizar as eleições estaduais, não colou as candidaturas ao governo estadual e ao Senado à candidatura de José Serra e atacou a candidatura de Hélio Costa como “imposta de fora” de Minas por Lula. Aécio, baseado na defesa da continuidade político-

administrativa, elegeu Antônio Anastasia com 62,72% do total de votos e, associando fortemente sua candidatura à de Itamar Franco, conseguiu as duas vagas do Senado.

As eleições para o governo do Estado em 2010, deixaram saldos importantes na construção de um projeto alternativo para Minas Gerais. Por incrível que possa parecer, uma política antipática, que foi a intervenção nacional no PT Minas para garantir o apoio a Hélio Costa, rendeu bons frutos. Éramos da Executiva do PT Minas naquele ano e nunca vimos uma “intervenção” ser recebida com tanta resignação e conformismo como aconteceu. No fundo, todas as correntes do PT sabiam, mas não verbalizavam, que era inviável uma candidatura a governador com o Partido fraturado como estava. Ao apoiar Hélio Costa, que liderava amplamente as pesquisas de opinião, e ao indicar um quadro importante como Patrus Ananias para candidato a vice-governador, o PT mostrou despreendimento político junto a um aliado fundamental no Estado, o que se tornou importante em 2014 na reciprocidade do apoio do PMDB a Fernando Pimentel. As eleições deixaram saldos expressivos. Hélio Costa recuou na intenção de voto, mas teve expressivos 34,18% dos votos; Dilma venceu com larga margem no Estado, com 46,98% no primeiro turno e 58,45% no segundo turno; a petista venceu em nove das dez regiões de Minas; Fernando Pimentel não foi eleito senador, mas teve expressivos 4.595.351 votos e ficou conhecido em todo o Estado; além disso tanto PT como PMDB foram bem votados para a Câmara Federal e para a Assembleia Legislativa.

Eleição de 2010 deixou um grande saldo programático

Nas eleições para o governo do Estado em 2010, um dos avanços mais notáveis foi no acúmulo programático, coordenado pelo companheiro Patrus Ananias, que conseguiu reunir intelectuais, militantes sociais de todas as correntes do PT Minas (inclusive os que vincularam-se ao núcleo formulador da candidatura de Pimentel agora em 2014), bem como do PMDB. Nas inúmeras discussões em que participamos ficou claro que o programa de governo para o Estado devia centrar-se na questão democrática e na questão social. Leonardo Avritzer, professor da UFMG, sintetizou, em um pequeno documento, de forma brilhante, os nossos sentimentos: “Minas são muitas. O objetivo da participação no governo de Minas deve ser ampliar a diversidade onde ela é culturalmente desejável e diminuir a hetero-

geneidade onde ela é socialmente danosa”.

Juarez Guimarães sintetizou, de forma mais ampla, no manifesto “Por uma Minas democrática e popular” os rumos mais gerais do debate programático: “Exatamente por ser várias, como afirmou de modo definitivo Guimarães Rosa, Minas fala sempre por muitas vozes”. (...) “É ilegítimo, do ponto de vista da tradição democrática de Minas, querer que um só fale por Minas. Ainda mais se este um é quem ocupa o governo do estado”. (...) “A tradição democrática de Minas que cultivamos e queremos representar é a do pluralismo das vozes diferentes, das opiniões livres, do direito da informação sem censura, do diálogo público sereno das razões esclarecidas, das convergências e consensos que se constroem através da livre comunicação”. (...) “Minas democrática é aquela que renova sempre sua unidade por reconhecer a diversidade das tradições e regiões que a compõem. Ninguém pode dizer “somos Minas Gerais” e dizer que os outros mineiros não o são”. (...) “Minas democrática é aquela que reconhece a legitimidade dos conflitos, que acolhe a diversidade dos interesses, que zela pelo bom diálogo e pela negociação permanente como fonte da democracia”. (...) “Minas democrática é aquela que estimula a democracia participativa, a cidadania ativa, a participação dos cidadãos e cidadãs nas decisões de governo, na elaboração de sua metas e suas políticas públicas”. (...) “Minas democrática é aquela generosa que inclui os excluídos, que trabalha por emancipar os que sofrem opressão, que dignifica o valor de quem trabalha, que abre as portas para quem a injustiça humilha, expulsa e segregava”.

Juarez Guimarães concluiu: “ Por isto, a Minas democrática é a Minas popular. É o povo de Minas, na sua história, na sua luta pela liberdade, no seu trabalho e na sua arte, quem faz a Minas democrática”. (...) “A Minas popular é a Minas que não cabe nos salões das elites, nos palácios de governo, nos círculos estreitos dos mais ricos, nas consciências adormecidas pelo egoísmo e pela insensibilidade”. (...) “A Minas popular é aquela que quer um governo que dê a mais insofismável prioridade às políticas sociais, à elevação da qualidade de vida do povo, da sua educação e da sua cidade, da sua moradia e segurança, da sua cultura e do seu esporte”. (...) “A Minas popular é aquela que se apóia nos movimentos sociais, nos movimentos religiosos de base, no movimento sindical urbano e rural e nos que lutam pela terra, nos que vão às ruas contra a corrupção e pela dignidade da política, nos que constroem as bases para uma sociedade ecologicamente

saudável”. (...) “A Minas popular é aquela que não aceita mais a opressão do povo negro, que sabe que o fim da escravidão não trouxe a emancipação, que apóia as políticas afirmativas e as políticas de reparação”. (...) “A Minas popular é aquela que sabe que as mulheres ainda têm um longo caminho a percorrer até conseguir a cidadania, até conquistar os direitos iguais na diferença, a não sofrer mais a violência machista e a exploração sexista” (Contribuição ao debate programático, 2010).

Os debates programáticos de 2010 não sinalizaram apenas as linhas gerais do discurso a ser adotado na eleição. Muitas das bandeiras concretas, que fizeram parte do programa de governo de 2014, foram formuladas naquele ano. São alguns exemplos: a) na saúde, a necessidade de implantação de uma rede de hospitais regionais e de Centros Regionais de Especialidades, ampliação das UPAS e UBS, o cumprimento pelo Estado dos 12% para saúde; b) na educação, o cumprimento do piso do magistério, a universalização da educação infantil, a construção de escolas técnicas estaduais, nos moldes do Cefet, cumprimento dos 25% dos impostos com educação; c) na economia, a necessidade de modernização e diversão da economia mineira, a redução de alguns impostos que encarecem a produção em Minas, a adoção de políticas que reduzam as desigualdades regionais, mais investimentos em ciência e tecnologia, luta pela renegociação da dívida de Minas, fortalecimento dos instrumentos de planejamento da região metropolitana; d) na participação popular, a necessidade de adoção do orçamento participativo e de canais de diálogo regionais. Estas idéias não foram bem vocalizadas pela candidatura de Hélio Costa em 2010, mas em 2014 foram defendidas com muita competência por Fernando Pimentel.

Minas Sem Censura, eleição de BH/2012 e PED/2013

Na reunificação do PT Minas um destaque é a criação na Assembléia Legislativa do Bloco Minas Sem Censura, formado pelo PT, PMDB e PRB. Malu Delgado, da revista “piauí”, traçou um perfil de Aécio Neves e escreveu sobre a rearticulação da oposição: “Desarticulada, a oposição mineira passou anos assistindo ao reinado de Aécio. O PT engoliu o Lulécio (o voto casado em Lula e Aécio), o Dilmasia (os eleitores que escolheram Dilma e Anastasia)”. (...) “Foi somente em 2011 que uma oposição mais estruturada começou a surgir, com o nome de “Minas Sem Censura”. Atualmente o bloco parlamentar reúne 21 deputados – do PT, do PMDB e do PRB. Pouco nu-

||||| POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS? |||||

merosos, mas muito barulhentos, atuam sobretudo via internet. Mantêm um site em que denunciam indicações políticas em estatais, reproduzem insatisfações do funcionalismo, dão voz a suspeitas de irregularidades em obras e parcerias público-privadas, além de baterem na tecla da “mordaza” que o governo mineiro impõe ao Judiciário, ao Ministério Público e, sobretudo, à imprensa” (Revista piauí, junho 2014).

Outro momento decisivo do PT Minas foi nas eleições municipais de 2012, especialmente em Belo Horizonte. Muitos de nós, petistas, defenderam a composição de chapa com Márcio Lacerda, porque, mesmo rompidos com Aécio Neves, julgávamos importante manter o diálogo com o PSB, que tudo indicava viria a apoiar Dilma nas eleições de 2014. Na minha publicação de 2011, citei uma entrevista de Eduardo Campos onde ele afirmava que 2014 “era jogo jogado” e que o apoio à petista era o caminho natural. Naquele processo teve um papel essencial o então vice-prefeito petista, Roberto Carvalho, que liderou a ruptura com Márcio Lacerda depois que o acordo já estava quase sacramentado. O petista foi um dos protagonistas do “casamento” com Márcio Lacerda e com o PSDB em 2008, e, em 2012, liderou o “divórcio litigioso”. Não temos dúvidas de que os acertos de Roberto Carvalho foram muito superiores aos seus erros e contribuíram, de forma decisiva, na reunificação vitoriosa do PT Minas Gerais. No mesmo processo de 2012, cabe ressaltar também a candidatura de Patrus Ananias para a Prefeitura de Belo Horizonte, que, numa campanha que mexeu com a cidade e reanimou a militância petista, conseguiu expressivos 523.645 votos, o que representou 40,8% dos votos válidos.

Os acontecimentos posteriores a 2012 acabaram com quaisquer vestígios do “Lulécio”, o PT rumou para a oposição clara a Aécio Neves no Estado; Aécio se viabilizou enquanto candidato presidencial do PSDB e transformou Minas no centro da oposição nacional; o PSB ruiu a corda com Dilma e se juntou à oposição e Márcio Lacerda ficou livre para se “atucanar” de vez.

O Processo de Eleições Diretas (PED) de 2013 consolidou a reunificação do PT Minas na disputa para o governo do Estado. Como sempre, tivemos muitos candidatos a presidente e diversas chapas, mas o consenso entre todos era pelo lançamento de Fernando Pimentel para governador. O deputado federal Odair Cunha foi eleito presidente do PT Minas com 29.266 votos, ou 60,92% do total de votos. Em segundo lugar, ficou a secretária de

finanças do PT Minas, Gleide Andrade, que teve 14.603 votos, ou 30,40% do total. Em terceiro e quarto lugares ficaram, respectivamente, Rogério Correia (7,85%) e Betão (0,96%). O PED 2013 marca um enorme processo de enfraquecimento da corrente Articulação Minas, nacionalmente vinculada à corrente majoritária Construindo um Novo Brasil. No processo de escolha da candidatura a presidente estadual se afastaram da Articulação Minas diversas lideranças da corrente no Estado. Neste processo, é bom registrar, muitos de nós, da Mensagem ao Partido de Contagem, ficamos com a candidatura de Gleide Andrade pela referência (passada e presente) que temos em lideranças históricas desta corrente, como Patrus Ananias e Luis Dulci.

A chapa vencedora do PED Minas foi a da Mensagem ao Partido – Minas se Levanta, que fechou a apuração com 25,73% dos votos. Esta corrente, além da sua composição inicial, formada pela Democracia Socialista – DS, por lideranças como a ex-prefeita de Contagem Marília Campos, incorporou novos atores, como o Mandato do Deputado Reginaldo Lopes, deputado estadual Adelmo Leão e outras lideranças. As três chapas vinculadas a Articulação Minas tiveram 24,65% dos votos. Em seguida, na ordem de desempenho no PED Minas, ficaram as seguintes chapas: A força da base: Partido para Todos, vinculada à Tribo, com 16,57% dos votos; Um Partido para Todos, que reuniu principalmente os apoiadores do deputado federal e presidente eleito, Odair Cunha, com 13,82%; Minas para Todos, vinculada ao deputado federal Miguel Correa, com 13,38% dos votos. As outras três chapas: Coerência Petista (do deputado Rogério Correia e do ex-prefeito Chico Simões); Militância Socialista e Constituinte por Terra, Trabalho e Soberania, tiveram, respectivamente, 3,18%, 1,86% e 0,79%.

Foi esta nova direção do PT Minas, junto com Fernando Pimentel, que liderou a histórica vitória para o governo de Minas Gerais. Mas os protagonistas desta bela vitória são muitos mais e precisam ser reconhecidos e valorizados.

TUCANOS MINEIROS PRIORIZARAM A ELEIÇÃO PARA O SENADO E NÃO PARA O GOVERNO DO ESTADO

A quase totalidade dos analistas políticos brasileiros e, especialmente os mineiros ouvidos pela mídia nacional, culparam a candidatura de Pimenta da Veiga pela derrota de Aécio em Minas. Esta é também a versão do PSDB no Estado e de órgãos da grande imprensa nacional, como a revista Época. Não concordamos com esta análise. Destacamos neste documento as diversas razões que explicam a tragédia tucana em nosso Estado. Mesmo no que se refere ao governo do Estado, consideramos a análise em geral não mostra o problema em real dimensão, que não é apenas a escolha de Pimenta da Veiga, mas a não priorização do governo do Estado, que levou o governador Antônio Anastasia a renunciar para concorrer ao Senado. Veja duas análises sobre a derrota de Aécio em Minas.

A primeira é de Marcus Pestana, presidente do PSDB Minas. Disse ele: “Nós escolhemos um dos nossos melhores quadros, o ex-ministro Pimenta da Veiga. Um quadro experiente, com inteligência, com muita qualidade para representar o partido e ser o nosso candidato a governador, mas, por estar afastado por um tempo da política mineira e da política em geral, era preciso colar a imagem de Pimenta, na decolagem, ao legado de Aécio e de Anastasia. Só que a opção de marketing e de comunicação da campanha deixou o Pimenta flutuar nos 20 primeiros dias de televisão, sem esse vínculo e, paralelamente, o PT e Fernando Pimentel desconstruíram e fizeram uma operação agressiva de desconstrução do legado de Aécio”.

A revista Época também avaliou que a escolha de Pimenta foi uma das principais razões para a derrota de Aécio em Minas: “Pimenta da Veiga, ministro das Comunicações no governo Fernando Henrique Cardoso, foi uma escolha pessoal de Aécio. Havia dois objetivos principais na opção feita por Pimenta. O primeiro era que o PSDB tivesse um candidato com currículo parecido, com passagens pela prefeitura de Belo Horizonte e pelo governo federal, com o de Fernando Pimentel, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, para que pudesse enfrentá-lo à altura. Sem nenhum outro nome, entre seus aliados do PSDB mineiro, com predicados

semelhantes, Aécio resolveu trazer de volta à política Pimenta, afastado da vida pública há 12 anos. O segundo objetivo era apaziguar uma disputa interna no PSDB mineiro, entre os grupos de um de seus mais antigos conselheiros, o secretário de Governo, Danilo de Castro, e o presidente do diretório estadual, o deputado federal Marcus Pestana. A estratégia não deu certo”.

Objetivo do PSDB mineiro era “matar” o PT Minas

Em um post que escrevemos no primeiro semestre, apontamos que o objetivo dos tucanos mineiros era “matar” o PT Minas: “Não teremos mais no Estado, o voto complementar que tivemos no passado, que a mídia chamou de “Lulécio” e “Dilmasia”, com o voto para presidente no PT (que adicionalmente comandava as mais importantes prefeituras do Estado) e os votos para o governo do Estado e para o Senado nos tucanos. “Lulécio” e “Dilmasia” são coisas do passado. Aécio assumiu o controle do PSDB no país, Minas com o senador se transformou no centro da oposição neoliberal no país e o combate ao PT centralizou a estratégia política-eleitoral dos tucanos mineiros. O objetivo dos tucanos mineiros é claro: para Minas se consolidar como principal bastião da oposição ou de um eventual governo neoliberal, é preciso perseguir uma vitória quádrupla no Estado: consolidar uma maioria expressiva para a candidatura presidencial de Aécio Neves no Estado; conseguir nas urnas o quarto mandato no governo do Estado; vencer a eleição para a vaga do Senado em disputa, mantendo os três senadores do Estado no campo tucano; e ganhar Prefeitura de grandes cidades, especialmente a de Belo Horizonte, em 2016”. (...) “Querem aniquilar o PT e a oposição em Minas, para se dedicarem, com mais liberdade e sem resistência ‘em casa’, ao avanço do seu projeto neoliberal no Brasil. É mais ou menos a Capitania Hereditária que Eduardo Campos busca construir em Pernambuco. Se a ofensiva dos tucanos no Estado já sufoca a oposição, isso não passa de um aperitivo para o pode estar vindo por aí. Já conseguiram avançar sobre nossas bases na eleição passada, ao nos derrotar nas principais prefeituras da Grande Belo Horizonte, a mais dura derrota sofrida pelo PT Minas em todo o seu acúmulo político histórico”.

Para obter nas urnas uma vitória quádrupla sobre o PT, os tucanos foram para o tudo ou nada. Visando impedir a vitória da oposição para a vaga de senador, que poderia acumular para futuras eleições para o governo do

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

Estado, os tucanos decidiram pela renúncia de Antônio Anastasia do governo do Estado e lançaram sua candidatura ao Senado. Este tipo de cartada política não é comum no Brasil. Já vimos, o governador renunciar para ceder a vaga para o vice se candidatar na eleição seguinte, o que aconteceu em 2010, de forma vitoriosa, com Aécio, que se candidatou ao Senado, e Antônio Anastasia ao governo do Estado. Vimos nas eleições deste ano, outros exemplos parecidos. No Rio de Janeiro, Sérgio Cabral renunciou e, desgastado não foi candidato a nada, e assumiu Luiz Fernando Pezão, que acabou vencendo as eleições. No Amazonas, o governador Omar Aziz renunciou, assumiu o seu vice, José Melo, que acabou também vencendo a eleição. Em outros estados importantes, os governadores, como nos casos da Bahia (Jacques Wagner) e Ceará (Cid Gomes), chegaram a avaliar a renúncia e candidaturas ao Senado ou à Câmara Federal, para não ficarem sem mandato, mas decidiram permanecer no cargo para garantir a eleição de seus “afilhados”.

Em Minas Gerais, com a renúncia de Antônio Anastasia e a subida de um vice desprestigiado, Alberto Pinto Coelho, que não foi candidato a nada, ficou parecendo que o governo tucano no Estado tinha acabado. Vejamos a aprovação nas pesquisas, que são fundamentais para garantir a continuidade de quem é governo. Quando deixou o governo do Estado, segundo pesquisa do Ibope/CNI, Anastasia era avaliado em 49% de ótimo ou bom; 30% consideravam a sua gestão regular; 16% a consideravam ruim ou péssima; e 5% não souberam ou não responderam. Já os números da gestão Alberto Pinto Coelho, eram muito piores, conforme pesquisa Ibope do final de setembro: seu governo tinha 33% de bom ou ótimo; 30% de regular; 17% de ruim ou péssimo; e 20% não souberam ou não responderam. Veja só a diferença: Alberto Pinto Coelho tinha uma avaliação bom ou ótimo 16% inferior a de Antônio Anastasia e 20% do eleitorado não souberam ou não quiseram responder, o que é quatro vezes mais o índice do ex-governador. Todos sabemos que, com índices inferiores a 40%, todo governante tem dificuldades enormes em eleger o seu sucessor.

Ao priorizar a eleição para o Senado e não para o governo do Estado, os tucanos mineiros apostaram todas as fichas em “matar” o PT Minas. Perderam. Ficaram sem o governador bem avaliado para ancorar a candidatura frágil de Pimenta da Veiga e sem uma liderança com autoridade política para liderar os tucanos no Estado. Com isso, o fogo amigo se generalizou

internamente no ninho tucano; com brigas públicas entre os caciques que dirigiam a campanha; desentendimentos com os marqueteiros; fuga de bases no interior como no caso de muitos prefeitos; escassez de recursos financeiros; completa desorientação programática, com o candidato a governador repetindo suas propostas de ampliação dos “programas piloto” para mais cidades do Estado; o governador Alberto Pinto Coelho, cujo governo deveria ser continuado, não apareceu, nos muitos programas de TV que assistimos, nenhuma vez; o candidato Antônio Anastasia dedicou grande parte do tempo à sua campanha para o Senado; e Aécio, numa campanha num país de dimensão continental como o Brasil, teve que afastar muito de Minas Gerais. Os tucanos tinham muitos craques, mas escalaram o time errado, deveriam ter mantido Antônio Anastasia no governo do Estado e colocado o vice-governador ou outro aliado na briga pelo Senado. Já no lado do PT e aliados, os acertos foram generalizados, como veremos no capítulo seguinte.

A escalação melhor do time tucano tampouco era garantia de vitória na eleição para o governo do Estado. Provavelmente teriam levado a eleição para o segundo turno, como no caso da eleição presidencial. A pergunta que devemos fazer é a seguinte: foi a candidatura de Pimenta da Veiga governador que contaminou a de Aécio presidente ou foi o inverso? Os tucanos afirmam que os marqueteiros de Pimenta erraram ao não colar a sua candidatura na de Aécio. Ora, se Aécio fosse um âncora imbatível em Minas Gerais, ele teria ganhado a disputa para presidente no Estado. Se as eleições para os governos estaduais se sobrepunham às eleições presidenciais na disputa de 2014, a lógica nacional teria sido o desalinhamento e não a sua nacionalização em 21 estados brasileiros.

FERNANDO PIMENTEL LEVA O PT AO GOVERNO PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA DE MINAS

Confirmada a vitória histórica do petista Fernando Pimentel ao governo de Minas Gerais abriu-se no PT e na esquerda em geral um balanço dos resultados das urnas. Ganhamos porque, com enorme sabedoria, fizemos quase tudo certo, e, mesmo quando erramos como no caso da aproximação com o PSDB em 2008, acabamos no final acertando. Já os nossos adversários, com enorme arrogância e triunfalismo, fizeram quase tudo errado, como mostramos neste documento.

Precisamos tirar profundas lições de nossa vitória. Os tucanos nos próximos anos vão aprender com seus erros e têm figuras competitivas na política mineira – Aécio, Antônio Anastasia e Márcio Lacerda para as grandes disputas majoritárias: presidente, governador e senador. Já nós, petistas, não podemos assumir a arrogância e o triunfalismo de nossos adversários, que custaram a sua ruína nas eleições de 2014. Todos sabemos que a vitória de Fernando Pimentel é fruto de uma convergência ampla e bem sucedida no Estado. O que não pode é cada segmento protagonista se sentir “o responsável” sozinho pela vitória, como temos visto em diversos balanços políticos. Isto é preocupante. São muitos os protagonistas da vitória de Fernando Pimentel e todos precisam ser reconhecidos e valorizados.

Uma pré-campanha e uma campanha com muitos acertos

Um diagnóstico consensual em Minas Gerais, nos últimos dois anos, é que o PT no Estado, com a candidatura de Fernando Pimentel, tinha a maior chance histórica de chegar ao Palácio Tiradentes, que agora é a sede do governo de Minas com a inauguração da Cidade Administrativa.

Em um post de nossa autoria, divulgado no primeiro semestre de 2014, apontamos os grandes trunfos do PT e que o Partido poderia sair-se vitorioso se conseguíssemos equilibrar a eleição presidencial em Minas. Na época escrevemos: “A candidatura de Fernando Pimentel é bastante com-

petitiva. A mais competitiva desde 2002, quando tivemos a maior chance histórica para eleger o governador de Minas, mas perdemos o tempo político aberto para uma terceira via, com o fracasso do PSDB (Eduardo Azevedo) e do PMDB (Itamar Franco). Pimentel tem uma larga experiência administrativa, foi prefeito de Belo Horizonte muito bem avaliado e é um dos importantes ministros da presidenta Dilma Rousseff. O PT Minas, depois de anos de luta fratricida, está unificado em torno do ministro, ainda que é preciso fazer mais política para refinar a unidade partidária. Pimentel poderá ampliar as coligações partidárias no primeiro ou no segundo turno, o que garantirá à oposição um bom tempo na TV e no rádio. Dilma é mineira, o que minimiza em parte o forte discurso regionalista que os tucanos farão em Minas Gerais. As pesquisas indicam que os “padrinhos” de Pimentel – Lula e Dilma -, pelo o que fizeram em Minas em termos de políticas sociais e investimentos em grandes obras, nas primeiras pesquisas, exibem, hoje, uma capacidade de transferência de votos superior a de Aécio Neves e Antônio Anastasia (pesquisa publicada pelo Estado de Minas, em outubro, indica que os petistas influenciam 41,7% o voto para o governo do Estado e os dois tucanos influenciam um pouco menos, em torno de 38,88%). A mesma pesquisa do Estado de Minas indica que, mesmo sendo Pimentel o candidato mais conhecido, é o que tem a menor rejeição (20%) contra 32,85% de Pimenta da Veiga. As chances da oposição crescem também quando existe a troca de governos, como é o caso de Minas Gerais, ou seja, como Antônio Anastasia não pode ser mais candidato, os tucanos não têm um candidato natural”. (...) “Entendo que a vitória de Fernando Pimentel dependerá muito do desempenho de Aécio em Minas, que até agora não disparou desfrutando de uma frente de apenas 10% em relação à petista. Se Dilma conseguir equilibrar a disputa no Estado, podemos eleger o governador de Minas” (Blog do José Prata, março de 2014).

Diversos analistas ressaltaram as boas pré-campanha e campanha eleitoral realizadas por Fernando Pimentel. O ex-deputado federal Luiz Alberto Rodrigues fez um bom resumo: “Pimentel se preparou para essa disputa com paciência e habilidade política. De 2011 a 2014, Fernando Pimentel foi ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) do governo Dilma Rousseff e teve atuação destacada ao implantar, entre outros projetos, o Programa Inovar-Auto, com o objetivo de estimular o investimento na indústria automobilística brasileira. Em fevereiro de 2014, Pimentel deixou o MDIC e passou a visitar os municípios mineiros para ar-

ticular apoios à sua candidatura a governador. No PMDB (MG), contou com o suporte decisivo do presidente, o ex-ministro da agricultura Antônio Andrade, que, com pulso firme, administrou a situação e foi escolhido candidato a vice-governador". (...) "No início da propaganda eleitoral, Pimentel fez uma campanha solo, sem recorrer a muitas imagens e falas exaustivas dos líderes do PT, como Lula e Dilma. No rádio e na televisão, o que se viu foi um candidato confiante, com personalidade e projeto próprios e com mensagem oposicionista firme. Assisti a todos os debates entre os postulantes e neles Pimentel foi melhor do que os adversários pela capacidade de comunicação, por apresentar propostas e por explorar com firmeza os pontos fracos do seu principal competidor". (O Tempo, 12/11/2014)

Fernando Pimentel fez uma campanha pela esquerda

Fernando Pimentel fez uma campanha pela esquerda. Não utilizou algo parecido com o slogan "O bom de serviço", que se deu muito certo em outras eleições, não expressava uma linha de campanha apropriada para enfrentar os tucanos mineiros. Sua campanha centrou-se na defesa da pluralidade política no Estado, na participação população e na defesa das políticas sociais.

No ano de 2011, escrevemos sobre os enormes desafios que era enfrentar o aecismo em Minas Gerais: "Não temos dúvidas que o sonho do senador Aécio Neves, caso viabilize sua candidatura presidencial, é largar no Estado com uma votação avassaladora de 70% a 80% dos mineiros. Para isso, buscará assumir o "monopólio da mineiridade", como já fez na campanha de Anastasia, com o slogan autoritário "Somos Minas Gerais"; ou com a caracterização da candidatura de Hélio Costa, em 2010, como uma "afrota a Minas" por ter sido apoiada por Lula; ou ainda, ao retratar na TV sua atuação no Senado, afirmando que "nossa voz, a voz de Minas" está sendo ouvida com mais força em Brasília. Como se os partidos de esquerda e de centro-esquerda fossem uma espécie de "dissidência da mineiridade". Estamos com o poeta Guimarães Rosa que afirmou que "Minas é muitas. São, pelo menos, várias Minas". Existe a Minas "plural", "adversa ao fácil", "humanista", "pública e fechada", "legalista", "governista", "revoltosa", "inconfidente", "brasileira", "paroquial". Somos a Minas democrática e popular, que aprova maciçamente Luiz Inácio Lula da Silva, brasileiro, nordestino, pernambucano e paulista e que deu vitória para Dilma Rousseff. A Minas da

luta pelas liberdades, da justiça social, da soberania nacional, das lutas dos movimentos sociais". (Minas no centro da disputa nacional, pg 27).

Juarez Guimarães descreve a necessidade de se defender em Minas Gerais a pluralidade política: "É importante lembrar, inclusive, que nas últimas disputas eleitorais no Estado, o PSDB chegava a afirmar que 'Minas é Aécio'. Uma afirmação talvez mais forte do que aquela do Luiz XIV de que 'O Estado sou eu'. Em Minas, é 'O estado e a sociedade sou eu'. Uma afirmação muito triunfalista, que revelava essa ideologia do aecismo em Minas Gerais", acrescenta Juarez" (Carta Maior, 30/10/2014).

Fernando Pimentel enfrentou, de forma corajosa, a necessidade da pluralidade política em Minas Gerais, como expressou, com emoção, no discurso de vitória: "Minas não tem dono, rei nem imperador. Essa eleição mostra a derrota da arrogância". (...) "O povo de Minas deu uma lição àqueles que pretendiam ser donos da verdade". (...) "Eles disseram que teriam 4 milhões de votos de frente, mas tiveram 1 milhão de votos contra para governador". (O Tempo, 06/10/2014). Pimentel enfatizou também, além da pluralidade política, a defesa de um governo participativo: "Acho que o voto em Minas foi um voto para dentro das fronteiras de Minas. O que foi avaliado foi um modelo de gestão, uma forma de governo que os mineiros querem ver renovado. Foi um voto claramente por um estilo diferente. Fizemos uma campanha levando uma proposta que escutamos dos mineiros e das mineiras desde março, quando vim para cá. E quando começou a campanha, já tínhamos mais ou menos o formato de proposta que é essa de um governo aberto, participativo, próximo das pessoas, com uma administração regionalizada, tudo isso recolhemos das conversas com as pessoas nas diversas regiões do Estado. Então, não acho que tenha sido um voto de repúdio, de rejeição. Foi um voto a favor de um modelo diferente". (Valor Econômico, 7/10/2014).

Nas políticas sociais, Fernando Pimentel realizou um diagnóstico consistente e corajoso, que serviu de base para uma oposição firme aos tucanos em Minas Gerais. O petista caracterizou de "projetos-piloto", as políticas sociais dos tucanos: "A maioria dos projetos que o governo do Estado apregoa é de projetos-piloto. Não chegaram a virar políticas públicas disseminadas pelo Estado. Ficar 12 anos no governo e manter só projetos piloto eu não diria que esse é um modelo a ser apregoado". (Valor Econômico,

7/10/2014).

Fernando Pimentel diz que o discurso de gestão dos tucanos ficou restrito à classe média: “Fizemos uma campanha focada no interior das fronteiras de Minas Gerais. Talvez pela primeira vez nos últimos anos de fato houve uma discussão sobre o estado. Percorremos todas as regiões, ouvimos o que os mineiros queriam dizer. E observamos um fato: ao contrário da propaganda do governo tucano, a vida dos cidadãos não melhorou, o estado não enfrentou os problemas principais. A sensação de bem estar deve-se em grande medida às iniciativas do governo federal e ao fato de o Brasil ter experimentado uma fase de crescimento”. (...) “Essa história do choque de gestão foi vendida para uma camada da população, da classe média para cima. Para o povo trabalhador, não diz nada. O que era claro para eles: o fato de a segurança pública estar muito ruim, não ter esgoto, biblioteca, de o posto de saúde não atender por falta de profissionais. Foi o Mais Médicos, programa do governo Dilma, que levou agentes de saúde a várias regiões mineiras. Há um certo tempo de maturação das coisas. Como diz o ditado, você pode enganar alguns o tempo todo, todos por algum tempo, agora todos o tempo todo você não engana, não. O modelo do PSDB em Minas era muito baseado nessa mistificação de gestão competente, desmentida pela prática. E essa realidade a nossa campanha conseguiu desnudar” (CartaCapital, 16/10/2014).

Com base nestes diagnósticos, provavelmente captados nas conversas mas também em pesquisas qualitativas, Fernando Pimentel adotou uma mensagem oposicionista firme, com especial atenção para a classe C emergente e para os segmentos mais pobres da população. O petista se associou a um legado social como prefeito de Belo Horizonte, em torno de grandes iniciativas como o Vila Viva, construção de escolas infantis, educação de tempo integral, construção de centros de especialidades médicas, criação da Guarda Municipal, dentre outros programas sociais. Fernando Pimentel defendeu na campanha bandeiras sociais muito populares: na saúde, a conclusão e funcionamento dos 11 hospitais regionais, a construção de centros de especialidades regionais; na educação, a construção de escolas técnicas estaduais nos moldes do Cefet, a ampliação da educação integral, a universalização das escolas infantis; na segurança, a contratação de 12 mil policiais militares e a valorizações dos policiais civis e militares, dentre outras propostas. Fernando Pimentel assumiu também compro-

missos muito fortes com os movimentos sociais: investimento mínimo dos 25% da receita na educação; aplicação da lei do piso salarial para os profissionais do magistério; reestruturação do plano de carreira dos professores; aplicação do mínimo constitucional de 12% na saúde; realização de reforma agrária, apoio à agricultura familiar, aos assentamentos existentes e pelo fim do trabalho escravo; reconhecimento do direito de negociação coletiva no setor público estadual, concurso público e fim da política de terceirização; instituição do salário mínimo regional; fim da criminalização das lutas sociais, dentre outros compromissos.

Fernando Pimentel ganhou no primeiro turno com 52,98% dos votos

O petista Fernando Pimentel venceu a eleição para o governo do Estado no primeiro turno com 5.362.870 votos (52,98%), contra 4.240.706 votos (41,89%) do tucano Pimenta da Veiga e 395.039 votos (3,90%) de Tarcísio Delgado. Os outros quatro candidatos obtiveram votação inexpressiva, ou 1,23%. A inexistência de uma terceira via mais consistente, como aconteceu com Marina no plano nacional, facilitou a vitória do petista já no primeiro turno. Veja a **tabela 11**.

Tabela 11

VOTAÇÃO PARA O GOVERNO DE MINAS GERAIS – 2014 - 1º TURNO

CANDIDATO	PARTIDO	NÚMERO VOTOS	% VOTOS
Fernando Pimentel	PT	5.362.870	52,98
Pimenta da Veiga	PSDB	4.240.706	41,89
Tarcísio Delgado	PSB	395.039	3,90
Fidélis Alcântara	PSOL	67.785	0,67
Túlio Lopes	PCB	26.023	0,26
Eduardo Ferreira Souza	PSDC	23.017	0,23
Cleide Donária	PCO	7.590	0,07

Fonte: TSE

Fernando Pimentel venceu a eleição em nove mesorregiões do Estado e o tucano Pimenta da Veiga em três delas. O petista colheu os seus melhores resultados nas regiões em que Dilma foi também a mais votada, indicando o “voto casado” uma clara nacionalização da eleição em nosso Estado. Pimentel ganhou no Norte de Minas (70,77% dos votos), Jequitinhonha (64,13%), Vale do Mucuri (60,06%), Noroeste de Minas (60,09%), Triângulo

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

Mineiro (56,26%), Vale do Rio Doce (53,60%), Zona da Mata (52,84%), Metropolitana de Belo Horizonte (52,52%) e Campo das Vertentes (49,55%). Pimenta da Veiga venceu no Sul / Sudoeste de Minas (56,71%), Central Mineira (50,48%), Oeste de Minas (50,22%). Veja a **tabela 12**.

Tabela 12

VOTAÇÃO PARA GOVERNADOR DE MINAS GERAIS NAS 12 MESORREGIÕES – 2014 – 1º TURNO

MESORREGIÃO	PIMENTEL	% VOTOS	PIMENTA VEIGA	% VOTOS
Campo das Vertentes	144.886	49,55	134.657	46,05
Central Mineira	103.955	47,22	111.146	50,48
Jequitinhonha	205.179	64,13	110.501	34,54
Metropolitana de BH	1.707.560	52,52	1.341.941	41,28
Noroeste de Minas	116.297	60,09	73.426	37,94
Norte de Minas	567.466	70,77	217.260	27,09
Oeste de Minas	229.375	46,27	248.983	50,22
Sul/Sudoeste de Minas	525.367	39,83	748.077	56,71
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	612.827	56,26	426.945	39,20
Vale do Mucuri	108.694	60,06	69.084	38,17
Vale do Rio Doce	439.469	53,60	343.075	41,85
Zona da Mata	601.795	52,84	415.611	36,49
Total	5.362.870	52,98	4.240.706	41,89

Fonte: TSE

Levantamos outros dados sobre o voto para o governo do Estado nos 20 maiores municípios mineiros – G-20. Fernando Pimentel venceu em 16 destes maiores municípios mineiros. São eles: Belo Horizonte (ainda que uma pequena margem de 2%), Uberlândia, Contagem, Juiz de Fora (o petista ficou abaixo da votação de Dilma porque o candidato do PSB foi ex-prefeito da cidade), Betim, Montes Claros, Ribeirão das Neves, Uberaba, Ipatinga, Divinópolis, Santa Luzia, Ibirité (domicílio eleitoral de Diniz Pinheiro, vice de Pimenta da Veiga), Patos de Minas, Teófilo Otoni, Barbacena e Sabará. O tucano Pimenta da Veiga venceu em apenas quatro grandes cidades: Governador Valadares, Sete Lagoas, Poços de Caldas e Pouso Alegre. Veja a **tabela 13**.

Mostramos neste estudo uma tabela com a evolução histórica dos votos do PT para governador nos últimos 32 anos. Nas cinco primeiras eleições – 1982, 1986, 1990, 1994, 1998 – evoluímos lentamente de 2,18% para 9,77%. Em 1998 subimos para 16,13% e, em 2002, atingimos 30,73%. Em 2006, recuamos para 22,03% e, em 2010, apoiamos pela primeira vez um

Tabela 13

VOTAÇÃO PARA GOVERNADOR NOS 20 MAIORES MUNICÍPIOS DE MINAS GERAIS – G-20 – 1º TURNO - 2014

CIDADE	PIMENTEL	% VOTOS	PIMENTA VEIGA	% VOTOS
Belo Horizonte	621.030	47,41	591.211	45,14
Uberlândia	163.816	54,22	116.901	38,69
Contagem	177.873	59,98	96.418	32,51
Juiz de Fora	108.246	44,15	64.477	26,30
Betim	109.654	60,78	58.570	32,47
Montes Claros	115.578	65,98	52.020	29,70
Ribeirão Neves	77.013	62,34	39.088	31,64
Uberaba	77.750	56,59	50.860	37,02
Governador Valadares	63.784	47,99	63.975	48,14
Ipatinga	58.046	49,77	46.901	40,22
Sete Lagoas	58.317	47,59	64.222	52,41
Divinópolis	60.242	58,32	37.460	36,27
Santa Luzia	56.899	55,31	39.559	38,45
Ibirité	40.437	55,63	27.833	38,29
Poços de Caldas	32.421	43,01	38.678	51,31
Patos de Minas	42.018	58,92	27.669	38,80
Teófilo Otoni	35.952	57,43	25.268	40,36
Pouso Alegre	25.123	38,31	37.466	57,13
Barbacena	34.737	59,66	19.619	33,69
Sabará	30.201	52,38	23.633	40,99

Fonte: TSE

candidato de outro partido, Hélio Costa, que obteve 34,18% dos votos. E, agora em 2014, Fernando Pimentel levou o PT pela primeira vez ao governo de Minas, com 52,98% dos votos e com vitória ainda no primeiro turno. Veja a **tabela 14**.

Protagonistas foram muitos e precisam ser reconhecidos e valorizados

Fernando Pimentel, em entrevista, respondeu qual foi “a receita” para tirar os tucanos de Minas Gerais: “Foi uma construção que vem de muito tempo. Tem a ver com nossa trajetória na Prefeitura de Belo Horizonte, um processo muito importante também de renovação do partido aqui em Minas, jovens deputados que surgiram. Houve uma oxigenação do partido

||||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||||

que o deixou mais contemporâneo. Surgiu uma esquerda pós Muro de Berlim, uma militância política que veio depois da Guerra Fria, do fim do socialismo burocrático, do Leste Europeu. Com a qual não tive dificuldade de conviver. Tem uma visão diferente até da minha geração, sou da geração de 68. E veio também a ajuda do PMDB. Percorremos todo o Estado, ouvindo os mineiros, em caravanas que antecederam a campanha”. (Folha de S.Paulo, 07/10/2014).

É evidente que “a receita” para a vitória de Fernando Pimentel em Minas tem muitos outros ingredientes, ou, politicamente dizendo, muitos outros protagonistas. O petista se projetou como prefeito de Belo Horizonte, mas foi nas mesorregiões mais pobres do Estado, devido à polarização social do voto, onde ele conseguiu seus melhores resultados: Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri. Mesmo na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, os melhores resultados do petista foram nas cidades mais proletarizadas do entorno da capital, onde ele conseguiu 90% dos 366 mil votos de frente sobre Pimenta da Veiga. Podemos dizer que Minas sendo uma síntese do Brasil, tem seu destino bastante atrelado ao desempenho do governo Dilma, que, é bom ressaltar, ganhou em Minas por pequena diferença e não tem muita “gordura para queimar”, o que transforma a sua aprovação entre os mineiros em um enorme desafio. Fernando Pimentel conseguiu vencer em Minas no primeiro turno porque ampliou as bases eleitorais do PT no Estado para segmentos da classe média, sobretudo da mesorregião Metropolitana Grande Belo Horizonte. Dois exemplos: em Belo Horizonte, Pimentel conseguiu 47,41% dos votos no primeiro turno

Tabela 14
OPT NAS ELEIÇÕES PARA O GOVERNO DE MINAS – 1982 A 2014

ELEIÇÃO	CANDIDATO(A)	VOTOS	% DO TOTAL
1982	Sandra Starling (PT)	113.950	2,18
1986	Fernando Cabral (PT)	212.508	3,48
1990	Virgílio Guimarães (PT)	630.044	11,49
1994	Carlão Pereira (PT)	585.173	9,77
1998	Patrus Ananias (PT)	1.122.007	16,13
2002	Nilmário Miranda (PT)	2.813.857	30,73
2006	Nilmário Miranda (PT)	2.140.373	22,03
2010	Hélio Costa (PMDB)	3.419.622	34,18
2014	Fernando Pimentel (PT)	5.362.870	52,98

Fonte: TSE



e Dilma somente 35,73% no segundo turno; em Contagem, Pimentel conseguiu 59,98% e Dilma 48,02%. A ex-prefeita e deputada estadual eleita, Marília Campos, tem também uma base social em Contagem que combina uma grande presença nas regiões mais pobres – Nova Contagem -, e um grande eleitorado nas regiões de classe média – Eldorado, Sede, Petrolândia, Riacho. Esta inserção na classe média precisa ser preservada em Minas Gerais e é um exemplo a ser seguido pelo PT nacional e pelo governo Dilma.

Fernando Pimentel tem razão quando valoriza a presença do PMDB na sua coligação política vitoriosa. Já tratamos deste tema em outro capítulo. Mas fica claro que o PMDB, sob a liderança do vice-governador Antônio Andrade, ingressou em peso na coligação com o PT pela força da candidatura de Fernando Pimentel mas também porque o partido foi prestigiado na eleição de 2010, quando nosso Partido, pela primeira vez na história, abdicou do lançamento de candidato e apoiou Hélio Costa e indicou Patrus Ananias para vice-governador. Temos ainda que valorizar outros aliados tradicionais em Minas Gerais, como o PCdoB e o PRB e segmentos de outros partidos que aderiram à candidatura no decorrer da campanha. Como os quatro partidos da coligação de Fernando Pimentel elegeram 23 deputados estaduais, será fundamental ampliar a base de governo com outros partidos para garantir uma maioria sólida na Assembleia Legislativa.

O PT Minas também foi um grande protagonista na vitória de Fernando Pimentel. O Partido é muito forte no Estado – tem 114 prefeitos, 814 vereadores, 8 deputados federais, 10 deputados estaduais, centenas de diretórios e comissões provisórias, milhares de militantes e mais de 2 milhões de simpatizantes em toda Minas Gerais. Nosso Partido, quando politizado e unido, é uma potência em Minas Gerais. Tivemos no Estado um processo surpreendente e saímos em apenas seis anos de uma brutal divisão para uma ampla unidade em torno da candidatura de Fernando Pimentel. O PT Belo Horizonte, liderado pelo vice-prefeito petista Roberto Carvalho, rachou o partido em 2008 e comandou a reunificação partidária a partir de 2012, com a candidatura de Patrus Ananias à Prefeitura da capital. Constituímos, a partir de 2011, junto com o PMDB e PRB o bloco Minas Sem Censura - MSC, que teve papel relevante na reunificação pela esquerda no Estado na oposição combativa ao PSDB, do qual participavam os seguintes deputados petistas: Rogério Correia, André Quintão, Durval Ângelo, Elis-

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

mar Prado, Pompílio Canavez, Paulo Lamac, Ulysses Gomes, Adelmo Leão, Almir Paraca, Maria Tereza Lara. O PT em 2010 e 2014 conseguiu enormes avanços programáticos, deixando de ser apenas uma representação do governo Dilma no Estado, e, com Fernando Pimentel, o “PT mineirizou”, com propostas consistentes e de grande repercussão popular para o nosso Estado. Como coroamento de todo este processo de reunificação, tivemos o PED em 2013, em um clima de maior unidade, que elegeu um novo diretório, que teve papel relevante nas vitórias de Pimentel e Dilma em Minas. Divulgamos neste estudo também os nomes de todos os nossos candidatos ao Senado e ao governo do Estado, bem todos os deputados federais e estaduais da história do nosso Partido em Minas, como é caso de Nilmário Miranda, que são responsáveis também pela conquista que tivemos do governo do Estado.

Fernando Pimentel valoriza a renovação do partido em Minas, com a emergência dos jovens deputados. De fato, cinco destes jovens deputados – Reginaldo Lopes, Odair Cunha, Gabriel Guimarães, Weliton Prado, Miguel Correa, tiveram juntos, com grande capilaridade no Estado, quase 1 milhão de votos, ajudando na ampliação da bancada federal do PT Minas. Mas temos também uma outra relação de deputados federais e estaduais que concentram uma enorme quantidade de votos em suas mesorregiões e, sobretudo, nas grandes e estratégicas cidades de Minas – G-20. São deputados bem votados nas mesorregiões e no G-20: Patrus Ananias, Marília Campos, Paulo Guedes, Leonardo Monteiro, Margarida Salomão, Elismar Prado. São deputados bem votados nas mesorregiões de Minas: Padre João, Adelmo Leão, Rogério Correia, Durval Ângelo, Cristiano Silveira, Jean Mark Freire, Ulysses Gomes, Paulo Lamac, André Quintão. Diversos suplentes de deputados federais e estaduais são muito bem votados em cidades do G-20 e em outras grandes cidades: Maria do Carmo Lara, Geisa Teixeira, Cristina Correa, Paulo Tadeu Arcádia, Anderson Cabido, Pompílio Canavez, Chico Simões, Carlinhos Rodrigues, Ricardo Bernadão, dentre outros. Os nossos deputados federais e estaduais e os suplentes serão fundamentais para uma disputa municipal de 2016 e os prefeitos, especialmente dos médios e grandes municípios que estamos tratando: Gilmar Machado, Elisa Costa, Cecília Ferramenta, Daniela Correa, Dr. Eloisio Dentista, Agnaldo Perugini, Rosângela Mendes, dentre outros. Como se vê, uma estratégia política para Minas Gerais deve reconhecer e valorizar um grande número de protagonistas, que são fundamentais para a consolidação de um proje-

to democrático e popular no Estado.

Juarez Guimarães aponta, ainda, os movimentos sociais como grandes protagonistas da virada à esquerda em Minas Gerais. Saiu na Carta Maior: “Juarez Guimarães ressalta, por fim, que, nos últimos anos, no Estado, houve um acúmulo muito importante dos movimentos sociais de oposição ao projeto do PSDB, que conseguiram criar um espírito público de oposição no estado. Segundo ele, isso ocorreu durante a longa greve dos professores da rede estadual, que reivindicavam a aplicação do mínimo constitucional na educação e recebimento do piso nacional do magistério”. (...) “Isso reorganizou a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e resultou na criação de um movimento de grande impacto, o ‘Quem luta, educa’, que faz campanhas permanentes em tornos de questões sociais, como um plebiscito sobre a elevação das tarifas da energia, uma das mais caras do país”, acrescenta”. (...) “Ainda de acordo com ele, os protestos de junho de 2013, em Belo Horizonte, ao contrário do que ocorreu em outros locais do país, teve uma clara direção da esquerda organizada, do princípio ao final. “As candidaturas de Pimentel e Dilma puderam se apoiar nos movimentos sociais, em um processo de acumulação de forças”, avalia”. (Carta Maior, 30/10/2014). Gostaríamos de destacar duas lideranças que estiveram na linha de frente deste movimento e são, com certeza, reconhecidos por todos: Beatriz Cerqueira, presidente da CUT/MG e SindUte/MG, e Lindolfo do Sindifisco.

Fernando Pimentel herdará Estado desorganizado

Minas Gerais não tem déficit zero. Nunca teve. Foi uma invenção propagandística de Aécio Neves. Para compreender a situação das finanças estaduais, é preciso analisar os conceitos de superávit primário e déficit nominal zero. Superávit primário é a diferença entre as despesas e receitas (juros excluídos). Já o déficit nominal zero é a diferença de despesas e receitas, mas com a inclusão dos juros da dívida pública. Diz o economista Dércio Garcia Munhoz: “O que é déficit zero? Diz o seguinte: devo fazer um superávit primário tão grande que pague integralmente os juros, de modo que não tenha déficit nenhum, no final”. O governo Aécio Neves não atingiu o déficit zero porque os juros e encargos da dívida pública não foram pagos integralmente. No contrato de federalização da dívida que o Estado firmou com a União, o governo estadual se comprometeu a pagar

||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

os encargos da dívida até o limite de 13% da receita. Mas, os juros e correção monetária são de montante muito superior. Assim, podemos dizer que o “superávit primário” do governo de Minas é de 13% da receita, o que não impede a dívida de continuar crescendo em termos nominais.

Os números mostram claramente que não existe “déficit zero” em Minas Gerais nos governos Aécio Neves nem de Antônio Anastasia. Neste período, a dívida consolidada estadual – DC (dívida contratual interna e externa, precatórios e outras dívidas) passou de R\$ 34,700 bilhões, em 2002, para R\$ 90,064 bilhões, em agosto de 2014. Já a dívida consolidada líquida – DCL (dívida consolidada menos os ativos e haveres financeiros), referência para a análise do grau de endividamento dos Estados pela Lei de Responsabilidade Fiscal, saltou de R\$ 32,942 bilhões para R\$ 76,962 bilhões. Se o déficit nominal fosse zero, como afirma o governo Aécio Neves, este aumento da dívida não existiria e ela estaria estabilizada nos mesmos valores do ano de 2002. Pela Lei de Responsabilidade Fiscal, a DCL tem como limite legal 200% da Receita Corrente Líquida – RCL e o chamado “limite de alerta” é de 180%. Em agosto de 2014, o percentual atingiu 166,70% e poderá dificultar novos empréstimos do Estado. Tudo indica que a renegociação da dívida contratual com a União não modificará profundamente este cenário, com pequeno recuo do montante total e manutenção dos desembolsos anuais de 13% da receita corrente líquida.

Na área de pessoal também a situação não é nada tranqüila. Tudo indica que aconteceu alguma “contabilidade criativa” em 2011. No segundo quadrimestre daquele ano, as despesas de pessoal, segundo os relatórios fiscais, era de 44,59% da receita corrente líquida praticamente empatado com o limite prudencial fixado na lei (46,55%). Já no terceiro quadrimestre, o percentual caiu para 38,85%. Agora, mais recentemente, no segundo quadrimestre de 2014, as despesas de pessoal atingiram 42,94% da receita. Elas atingiram R\$ 19,825 bilhões e o limite prudencial é de R\$ 21,490 bilhões.

Na área previdenciária são muitas as complicações em Minas Gerais. As despesas com pessoal aposentado e pensionista representam 43% dos gastos globais de pessoal, contra 45% em São Paulo, 42% no Rio de Janeiro e 63% no Rio Grande do Sul. As despesas líquidas são menores nos Estados que têm fundos previdenciários para quitar parte das despesas previden-

ciárias. Em Minas, com a supressão do FUNPEMG e a transferência de R\$ 3,2 bilhões para o caixa único, o Estado está fora das regras federais de capitalização da previdência e terá que buscar na Justiça o Certificado de Regularidade Previdenciária – CRP para não ter interrupções nos repasses de recursos para investimentos (obs: é preciso debater melhor o sistema de previdência já que a capitalização tem custos fiscais gigantescos). Ainda na área de previdência, com a declaração de inconstitucionalidade da chamada Lei 100, o Estado terá que negociar com o INSS uma dívida bilionária retroativa a dezembro de 1998 referente a todas as contribuições – patronais e dos servidores – referentes aos servidores não efetivos, que, estima-se, deverá ser da ordem de R\$ 10 bilhões. Esta negociação, seja pelo reconhecimento e parcelamento da dívida, seja pelo seu pagamento através de compensação financeira, é uma necessidade incontornável. Já é traumático que milhares de servidores não efetivos percam seus empregos, mas eles perderem também os anos de contribuição previdenciária para benefícios por incapacidade – auxílio doença e aposentadoria por invalidez – ou para aposentadoria por tempo de contribuição, é desumano.

As condições para uma melhoria expressiva das finanças estaduais não são promissoras. O Brasil passa por um processo de ajuste fiscal e a economia deverá crescer pouco mais de 1% em 2015, o que impactará nas receitas estaduais, que deverão ter um crescimento modesto. Como o governo assumiu compromissos em elevar o superávit primário, deverá desacelerar os repasses aos Estados para as grandes obras, especialmente vinculadas ao PAC, como as da BR 381 e Metrô. No plano estadual, a situação da economia mineira também não é das melhores porque o preço das commodities – minério de ferro, especialmente, está desabando no mercado internacional e só não terá conseqüências maiores nas finanças estaduais porque as exportações já são isentas pela Lei Kandir. Ainda no plano estadual, é difícil a elevação de impostos devido à resistência da população e porque, como denunciou Fernando Pimentel na campanha, a carga tributária mineira já é elevada e diminui a competitividade da economia mineira.

Fernando Pimentel terá que abrir o debate com a sociedade sobre o estado das finanças estaduais e negociar, com base nas prioridades, um cronograma de cumprimento de seus principais compromissos de campanha.

A ANÁLISE DAS ELEIÇÕES EM MINAS PARA O SENADO, CÂMARA FEDERAL E ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Concluimos este documento com uma ampla análise das eleições em Minas Gerais para o Senado, para a Câmara Federal e para a Assembleia Legislativa. Os números revelam os resultados gerais e seus desdobramentos por mesorregiões e principais cidades do Estado.

Tucanos mantém controle da representação no Senado

Os tucanos priorizaram a eleição para o Senado Federal e foram vitoriosos. Antônio Anastasia foi eleito com 5.102.987 votos (56,73%) contra 3.614.720 votos (40,18%) de Josué Alencar, o candidato do PMDB que teve o apoio do PT. O tucano teve os seus melhores resultados nas mesorregiões Sul / Sudoeste (68,86%), Central Mineira (67,47%), Oeste (66,67%) e Metropolitana de BH (62,24%), que são as regiões onde Aécio e Pimenta também colheram os seus melhores resultados. Já Josué Alencar foi melhor onde Dilma e Pimentel foram mais bem votados: Norte de Minas (60,64%), Jequitinhonha (52,11%), Vale do Mucuri (48,83%). Josué Alencar deu uma arrancada na reta final tendo passado de pouco mais de 20% para 40%, quando se vinculou claramente a Lula, Dilma e Pimentel. Sua campanha foi frágil politicamente. Seu programa de TV exagerou na divulgação de sua biografia, com informações de pequeno interesse popular, e deu muita ênfase aos programas federais em Minas Gerais, quando deveria ter se fixado nas grandes lutas que devem ser travadas no Senado em defesa de nosso Estado. Veja as **tabelas 15 e 16**.

Nesta eleição de 2014, para viabilizar a coligação, o PT não lançou candidatura ao Senado. Assim, continuamos sem um senador petista mineiro desde que disputamos a primeira eleição no Estado, em 1982. Perdemos seis eleições, sendo que em quatro delas estavam em disputa duas vagas e em duas apenas uma vaga para o Senado. Estivemos perto de eleger um senador, em 1990, com Patrus Ananias; em 1994, com Virgílio Guimarães;

Tabela 15

VOTAÇÃO PARA SENADOR EM MINAS GERAIS - 2014

CANDIDATO	PARTIDO	NÚMERO VOTOS	% VOTOS
Antônio Anastasia	PSDB	5.102.987	56,73
Josué Alencar	PMDB	3.614.720	40,18
Margarida Vieira	PSB	192.649	2,14
Geraldo de Araújo Silva	PSTU	24.676	0,27
José Tarcísio dos Santos	PSDC	21.785	0,24
Pablo Luiz de Oliveira	PCB	20.183	0,22
Edilson José Nascimento	PTdoB	11.300	0,13
Maria das Graças Vieira	PCO	7.389	0,08

Fonte: TSE

Tabela 16

VOTAÇÃO PARA O SENADO EM MINAS GERAIS NAS 12 MESORREGIÕES – 2014

MESORREGIÃO	ANASTASIA	% VOTOS	JOSUÉ ALENCAR	% VOTOS
Campo das Vertentes	493.863	49,19	476.873	47,50
Central Mineira	135.217	67,47	62.111	30,99
Jequitinhonha	135.224	46,93	150.147	52,11
Metropolitana de BH	1.749.907	62,24	928.600	33,03
Noroeste de Minas	90.508	51,13	84.568	47,77
Norte de Minas	278.277	37,90	445.185	60,64
Oeste de Minas	294.536	66,67	137.461	31,11
Sul/Sudoeste de Minas	823.792	68,86	349.083	29,18
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	492.971	50,09	463.191	47,07
Vale do Mucuri	81.125	49,96	79.290	48,83
Vale do Rio Doce	380.659	51,48	336.321	45,48
Zona da Mata	493.863	49,19	476.873	47,50
Total	5.102.987	56,73	3.614.720	40,18

Fonte: TSE

em 2002, com Tilden Santiago; e, em 2010, com Fernando Pimentel. Veja a **tabela 17**.

PT Minas é o partido mais votado para a Câmara Federal

O PT Minas fez bonito na eleição para a Câmara Federal em 2014. O Partido foi o mais votado e o que mais elegeu deputados federais dentre os 21 partidos mineiros que terão representação na Câmara Federal. Assim

Tabela 17

EVOLUÇÃO DO PT NA DISPUTA PELO SENADO – MINAS GERAIS - 1982 A 2014

ANO	Nº VAGAS	CANDIDATO	VOTAÇÃO	% VOTOS
1982	1	Joaquim Oliveira	107.099	1,83
1986	2	Dazinho Elcio Reis	432.874 300.863	4,92 3,42
1990	1	Patrus Ananias	934.973	22,33
1994	2	Virgílio Guimarães	1.369.632	15,37
1998	1	Junia Marise (coligação)	2.493.240	41,40
2002	2	Tilden Santiago	3.301.171	20,57
2006	1	Newton Cardoso (coligação)	2.423.250	29,19
2010	2	Fernando Pimentel	4.595.351	23,98
2014	1	Josué Alencar (coligação)	3.614.720	40,18

Fonte: TSE

como na eleição de 2010, o PT foi o partido mais votado de Minas Gerais, com 1,868 milhão votos (18,47% e 10 deputados eleitos), sendo que o bom desempenho foi puxado pelos cinco deputados mais votados do Partido, que, juntos, obtiveram mais de 1 milhão de votos e pelos votos de legenda. Em seguida ficou o PSDB, com 1,410 milhão votos (13,94% e sete deputados eleitos); o PMDB, com 891 mil votos (8,81% e seis deputados eleitos); o PP, com 791 mil votos (7,82% e cinco deputados eleitos). Os outros 17 partidos com representação na Câmara Federal são os seguintes: o PR, PSB, PSD elegeram três deputados cada um; o DEM, PDT, elegeram dois deputados cada um; e elegeram um deputado federal cada um dos seguintes partidos: PCdoB, PHS, PMN, PRB, PRP, PSC, PTDob, PTB, PTC, PTN, PV e Solidariedade – SD. Veja a **tabela 18**.

O número final da bancada do PT foi influenciado pela coligação proporcional, que elegeu 18 deputados. O PT elegeu dez deputados, o PMDB, seis; o PRB, um e o PCdoB, um deputado(a). Os dez eleitos do PT são os seguintes: Reginaldo Lopes, Odair Cunha, Gabriel Guimarães, Weliton Prado, Patrus Ananias, Leonardo Monteiro, Padre João, Miguel Correa, Margarida Salomão e Adeldo Leão. Sem a coligação, o número de eleitos seria doze, os dez anteriores mais Nilmário Miranda e Maria do Carmo Lara. É preciso ter claro, no entanto, que a coligação, vista nacionalmente, prejudica todos os grandes partidos, que, ao encabeçarem candidaturas a presidente e/ou governos de Estados, fazem concessão na disputa proporcional. Estudo do DIAP mostra que o PMDB perde 38 deputados federais contra 33 do PT. Veja a **tabela 19**.

Tabela 18

VOTAÇÃO PARA DEPUTADOS FEDERAIS POR PARTIDOS E VAGAS CONQUISTADAS – MINAS GERAIS – 2014

PARTIDO	QT VOTOS LEGENDA	QT VOTOS NOMINAIS	QT VOTOS VÁLIDOS	% VÁLIDOS	Eleito
DEM	11.379	502.282	513.661	5,08	2
PC do B	13.482	123.584	137.066	1,35	1
PCB	5.170	10.382	15.552	0,15	0
PCO	1.084	3.306	4.390	0,04	0
PDT	18.664	251.273	269.937	2,67	2
PEN	3.112	16.328	19.440	0,19	0
PHS	6.185	194.930	201.115	1,99	1
PMDB	111.481	780.167	891.648	8,81	6
PMN	4.979	147.539	152.518	1,51	1
PP	24.772	766.779	791.551	7,82	5
PPL	4.180	11.675	15.855	0,16	0
PPS	6.804	153.783	160.587	1,59	0
PR	13.186	330.612	343.798	3,40	3
PRB	8.175	214.067	222.242	2,20	1
PROS	4.331	74.148	78.479	0,78	0
PRP	10.955	66.472	77.427	0,77	1
PRTB	1.369	3.758	5.127	0,05	0
PSB	33.772	512.082	545.854	5,39	3
PSC	7.084	207.794	214.878	2,12	1
PSD	17.958	603.274	621.232	6,14	3
PSDB	281.173	1.128.903	1.410.076	13,94	7
PSDC	2.096	73.923	76.019	0,75	0
PSL	2.191	81.921	84.112	0,83	0
PSOL	15.789	40.491	56.280	0,56	0
PSTU	3.857	14.791	18.648	0,18	0
PT	184.405	1.684.593	1.868.998	18,47	10
PT do B	2.865	397.991	400.856	3,96	1
PTB	13.802	331.203	345.005	3,41	1
PTC	3.816	77.712	81.528	0,81	1
PTN	5.841	114.179	120.020	1,19	1
PV	16.610	145.174	161.784	1,60	1
SD	4.620	208.356	212.976	2,10	1

Fonte: TSE

A distribuição dos votos por mesorregião mostram que o PT tem deputados majoritários em quatro delas: Reginaldo Lopes (Campo das Vertentes), Gabriel Guimarães (Central Mineira), Patrus Ananias (Metropolitana Grande de Belo Horizonte) e Odair Cunha (Sul / Sudoeste de Minas). As oito outras mesorregiões estão fragmentadas entre oito partidos: Rodrigo de Castro

Tabela 19

VOTAÇÃO DOS DEPUTADOS FEDERAIS DA COLIGAÇÃO PT, PMDB, PRB, PCDOB, PROS – ELEITOS E SUPLENTE – MINAS GERAIS – 2014

CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	% VÁLIDOS
Reginaldo Lopes	PT	310.226	3,07
Odair Cunha	PT	201.782	1,99
Gabriel Guimarães	PT	200.014	1,98
Welton Prado	PT	186.098	1,84
Patrus Ananias	PT	147.175	1,45
George Hilton	PRB	146.792	1,45
Mauro Lopes	PMDB	129.795	1,28
Newton Cardoso Junior	PMDB	128.489	1,27
Leonardo Quintão	PMDB	118.470	1,17
Leonardo Monteiro	PT	115.336	1,14
Padre João	PT	112.722	1,11
Saraiva Felipe	PMDB	111.317	1,10
Miguel Correa	PT	93.450	0,92
Rodrigo Pacheco	PMDB	92.743	0,92
Margarida Salomão	PT	78.973	0,78
Laudívio Carvalho	PMDB	78.762	0,78
Jô Moraes	PCdoB	67.650	0,67
Adelmo Leão	PT	57.921	0,57
SUPLENTE			
Ademir Camilo	PROS	56.305	0,56
Silas Brasileiro	PMDB	55.767	0,55
Wadson Ribeiro	PCdoB	53.733	0,53
Nilmário Miranda	PT	51.948	0,51
Maria do Carmo Lara	PT	44.527	0,44
Ariadna Muniz	PRB	30.968	0,31
Lindomar Gomes da Silva	PT	24.920	0,25
Gilson Queiroz	PT	23.662	0,23

Fonte: TSE

– PSDB (Jequitinhonha); Antônio Arquimedes – PTB (Noroeste de Minas); Humberto Souto – PPS (Norte de Minas); Jaime Martins – PSD (Oeste de Minas); Odelmo Leão – PP (Triângulo / Alto Paranaíba); Fábio Ramalho – PV (Vale do Mucuri); Mauro Lopes – PMDB (Vale do Rio Doce); Misael Varela – DEM (Zona da Mata).

Os deputados federais do PT tem uma grande capitalidade no Estado. Reginaldo Lopes se elegeu com os votos da Zona da Mata (77.185 votos), Campo das Vertentes (65.374), Metropolitana da Grande BH (37.018), Norte de Minas (29.864) e Jequitinhonha (25.212), que representam 76% do

deputado petista. Odair Cunha tem uma votação fortemente concentrada na mesorregião Sul /Sudoeste (185.137), o que representa 92% do seu total de votos. O deputado Gabriel Guimarães foi eleito com a presença forte em quatro mesorregiões: Norte de Minas (61.401 votos), Metropolitana Grande Belo Horizonte (52.502), Vale do Rio Doce (37.547) e Central (21.419), que representam 86% dos votos totais. Weliton Prado concentra a sua votação nas mesorregiões: Triângulo / Alto Paranaíba (103.433 votos) e Metropolitana Grande Belo Horizonte (64.510), que representam mais de 90% dos votos do deputado petista. Patrus Ananias é um deputado da Grande Belo Horizonte (114.742 votos), que representa 78% de sua votação no Estado.

Analisamos também as bases sociais regionais dos outros cinco deputados federais do PT Minas. Leonardo Monteiro tem como principal base o Vale do Rio Doce (62.400 votos), Norte de Minas (15.682), Jequitinhonha (14.347) e Vale do Mucuri (12.953), que representam 92% de sua votação total. O deputado Padre João obteve os seus melhores resultados na Região Metropolitana de BH (38.640 votos), Zona da Mata (29.442) e Norte de Minas (15.902), representando 75% da votação total obtida. Miguel Correa é basicamente um deputado federal da Região Metropolitana de Belo Horizonte (77.093 votos), representando 83% de sua votação. Margarida Salomão se elegeu com os votos da Zona da Mata (69.666 votos), ou 89% da votação total. E Adelmo Leão recolheu os seus melhores resultados no Triângulo / Alto Paranaíba (37.011 votos) e Metropolitana de Belo Horizonte (7.774 votos), ou 77% de sua votação. Veja as **tabelas 20 e 21**.

Realizamos um estudo também das bases sociais dos deputados federais nas 20 maiores cidades de Minas Gerais, que chamamos de G-20. O PT tem o deputado majoritário em cinco delas: Patrus Ananias (Belo Horizonte), Margarida Salomão (Juiz de Fora), Maria do Carmo Lara (Betim), Leonardo Monteiro (Governador Valadares), Miguel Correa (Santa Luzia). O PSD tem deputado majoritário em quatro cidades: Marcos Montes (Uberaba), Jaime Martins (Divinópolis), Geraldo Thadeu (Poços de Caldas), José Humberto Soares (Patos de Minas). O PP é majoritário em duas cidades: Odelmo Leão (Uberlândia), Toninho Pinheiro (Ibirité). Nove outros partidos são majoritários em uma cidade cada um: Newton Júnior – PMDB (Contagem), Humberto Souto – PPS (Montes Claros), Fabiano Diniz – Solidariedade (Ribeirão das Neves), Roberto Muniz – PTdoB (Ipatinga), Leone Maciel – PMN (Sete

Tabela 20

OS CINCO DEPUTADOS FEDERAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) POR MESORREGIÕES EM MINAS GERAIS – 2014 (CONTINUA)

CAMPO DAS VERTENTES			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Reginaldo Lopes	PT	65.374	22,12
Luiz Fernando Faria	PP	28.547	9,66
Domingos Sávio	PSDB	25.645	8,94
Dâmina de Carvalho Pereira	PMN	22.896	7,75
Bonifácio Andrada	PSDB	22.450	7,60
CENTRAL MINEIRA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Gabriel Guimarães	PT	21.419	9,73
Jaime Martins	PSD	18.561	8,44
Domingos Sávio	PSDB	15.763	7,26
Eduardo Barbosa	PSDB	15.370	7,14
Rodrigo de Castro	PSDB	9.896	4,47
JEQUITINHONHA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Rodrigo de Castro	PSDB	30.958	9,80
Reginaldo Lopes	PT	25.212	7,60
Fábio Augusto Ramalho	PV	22.113	7,06
José Silva Soares	SD	14.988	4,52
Leonardo Monteiro	PT	14.347	4,48
METROPOLITANA BELO HORIZONTE			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Patrus Ananias	PT	114.742	3,69
Antônio Pinheiro Junior	PP	94.544	3,06
Stefano Aguiar dos Santos	PSB	83.219	2,68
George Hilton	PRB	82.660	2,67
Miguel Correa	PT	77.093	2,49
NOROESTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Antônio Arquimedes Borges	PTB	38.635	20,29
Sílas Brasileiro	PMDB	18.193	9,39
José Humberto Soares	PSD	11.204	5,78
Paulo Abi-Ackel	PSDB	9.366	4,74
Rodrigo de Castro	PSDB	9.193	4,65
NORTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Humberto Souto	PPS	69.042	8,73
Tânia Muniz	PSC	69.003	8,48
Gabriel Guimarães	PT	61.401	7,54
José Saraiva Felipe	PMDB	57.896	7,25
José Silva Soares	SD	41.239	5,07

Fonte: TSE

Tabela 21

**VOTOS DOS CINCO DEPUTADOS FEDERAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTES)
POR MESO REGIÕES EM MINAS GERAIS – 2014 (CONCLUSÃO)**

OESTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Jaime Martins	PSD	100.443	20,97
Domingos Sávio	PSDB	57.676	12,00
Gustavo Mitre	PHS	22.797	5,20
Reginaldo Lopes	PT	18.383	3,82
Dimas Fabiano	PP	16.146	3,38
SUL/SUDOESTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Odair Cunha	PT	185.137	13,95
Bilac Pinto	PR	99.744	8,19
Carlos Melles	DEM	85.911	6,56
Dimas Fabiano	PP	85.018	6,38
Renato Andrade	PP	62.507	5,94
TRIÂNGULO MINEIRO / ALTO PARANAÍBA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Odelmo Leão	PP	176.707	15,72
Weliton Prado	PT	103.433	9,18
Marcos Montes	PSD	100.088	8,89
Sérgio Lúcio de Almeida	PSB	62.182	5,53
Caio Nárcio Rodrigues	PSDB	56.638	5,06
VALE DO MUCURI			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Fábio Augusto Ramalho	PV	33.303	18,03
Leonardo Monteiro	PT	12.953	6,87
Edson Soares	PTdoB	12.264	6,68
Ademir Camilo	PROS	12.407	6,58
Eros Biondini	PTB	6.209	3,35
VALE DO RIO DOCE			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Mauro Lopes	PMDB	75.847	9,19
Leonardo Monteiro	PT	62.400	7,53
Roberto Carlos Muniz	PTdoB	33.551	4,66
Gabriel Guimarães	PT	37.547	4,61
Misael Varela	DEM	31.562	4,08
ZONA DA MATA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Misael Varela	DEM	222.024	18,89
Rodrigo de Castro	PSDB	95.198	8,10
Reginaldo Lopes	PT	77.185	6,47
Margarida Salomão	PT	69.666	6,32
Julio Delgado	PSB	58.808	5,59

Fonte: TSE

Lagoas), Fábio Ramalho – PV (Teófilo Otoni), Alexandre Magno – PHS (Pouso Alegre), Bonifácio Andrada – PSDB (Barbacena), Maurílio Silva – PDT (Sabará). Veja as **tabelas 22 e 23**.

Pelos dados que coletamos, a bancada de 10 deputados federais é a segunda maior do PT Minas em toda a sua história, ficando atrás apenas da bancada de 2002 que tinha 11 deputados federais. Vale ressaltar também que o PT sofreu uma grave derrota na Câmara Federal no País, tendo recuado de 88 para 70 deputados, enquanto em Minas Gerais aconteceu um crescimento de 8 para 10, equiparando com a bancada paulista de nosso Partido. Veja a **tabela 24**.

PT Minas foi também o mais votado para a Assembleia Legislativa

O PT Minas foi o partido mais votado para deputado estadual. O Partido foi o mais votado dentre os 22 partidos com representação na Assembleia Legislativa. O PT ficou com 1,625 milhão votos (15,71% e 10 deputados eleitos), sendo a votação do Partido foi puxada por uma chapa muito forte mais os votos de legenda. Em seguida, ficou o PSDB, com 1,222 milhão votos (11,82% e 9 deputados eleitos); o PMDB, com 846 mil votos (8,18% e 10 deputados eleitos). Os outros 19 partidos com representação na Assembleia Legislativa são os seguintes: Elegeram quatro deputados cada um dos quatro partidos: PSD, PDT, PTB, PV; ficaram com três deputados cada um dos sete partidos seguintes: PCdoB, PP, PPS, PR, PSB, PTdoB, PTN; três partidos elegeram dois deputados cada um: DEM, PRB, PSC; e outros cinco elegeram um representante: PEN, PHS, PMN, PROS, PTC. Veja a **tabela 25**.

O desempenho do PT, em número de cadeiras na Assembleia Legislativa, foi fortemente influenciado pela coligação, que elegeu 23 deputados estaduais, sendo 10 do PT, 10 do PMDB, dois do PRB e 1 do PROS. Os dez deputados(as) eleitos pelo PT são os seguintes: Paulo Guedes, Elismar Prado, Marília Campos, Durval Ângelo, Rogério Correia, Ulysses Gomes, Jean Mark Freire, Paulo Lamac, André Quintão, Cristiano Silveira. O que chama atenção na coligação proporcional é que o PT, com quase o dobro dos votos do PMDB, elegeu o mesmo número de deputados estaduais. Sem a coligação proporcional, o PT Minas teria elegido 14 deputados, sendo os dez que citamos, mais Geisa Teixeira, Cristina Correa, Neivaldo de Lima

Tabela 22

VOTOS DOS TRÊS DEPUTADOS FEDERAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) NOS 20 MAIORES MUNICÍPIOS – G-20 - MINAS GERAIS – 2014 (CONTINUA)

CANDIDATO	PARTIDO	Nº VOTOS	% VOTOS
BELO HORIZONTE			
Patrus Ananias	PT	80.262	6,59
Luiz Henrique Resende	PTdoB	46.370	3,81
Marcelo Henrique Dias	PRP	44.486	3,66
UBERLÂNDIA			
Odelmo Leão	PP	153.759	47,53
Weliton Prado	PT	53.045	16,40
Sérgio Lúcio de Almeida	PSB	33.830	10,46
CONTAGEM			
Newton Cardoso Junior	PMDB	26.001	9,17
Weliton Prado	PT	20.055	7,07
Jô Moraes	PCdoB	12.940	4,56
JUIZ DE FORA			
Margarida Salomão	PT	53.485	21,59
Julio Delgado	PSB	41.634	16,81
Marcos Pestana	PSDB	15.982	6,45
BETIM			
Maria do Carmo Lara	PT	26.015	14,99
Rômulo Veneroso	PV	21.571	12,43
Carlos Renato Dias Muniz	PSDC	9.238	5,32
MONTE CLAROS			
Humberto Souto	PPS	41.371	23,88
Tânia Muniz	PSC	15.336	8,85
Jairo Ataíde	DEM	14.850	8,57
RIBEIRÃO DAS NEVES			
Fabiano Diniz	SD	14.243	12,11
Miguel Correa Junior	PT	9.268	7,88
Stefano Aguiar dos Santos	PSB	6.151	5,23
UBERABA			
Marcos Montes	PSD	52.735	38,74
Adelmo Leão	PT	19.212	14,11
Aelton Freitas	PR	16.605	12,20
GOVERNADOR VALADARES			
Leonardo Monteiro	PT	24.711	19,07
Ricardo Assunção	PTB	16.304	12,58
Euclides Marcos Pettersen	PTB	15.481	11,95
IPATINGA			
Roberto Carlos Muniz	PTdoB	19.451	16,43
Gabriel Guimarães	PT	11.684	9,87
Leonardo Quintão	PMDB	10.840	9,16

Fonte: TSE

||||||||||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||||||||||||

Tabela 23

VOTOS DOS TRÊS DEPUTADOS FEDERAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) NOS 20 MAIORES MUNICÍPIOS – G-20 - MINAS GERAIS – 2014 (CONCLUSÃO)

CANDIDATO	PARTIDO	Nº VOTOS	% VOTOS
SETE LAGOAS			
Leone Maciel	PMN	27.654	27,25
Renato Gomes	PV	6.484	6,39
Antonio Oliboni	PSC	6.238	6,15
DIVINÓPOLIS			
Jaime Martins	PSD	31.678	34,36
Domingos Sávio	PSDB	17.670	19,17
Luzia Ferreira	PPS	3.344	3,63
SANTA LUZIA			
Miguel Correa Junior	PT	6.974	7,22
Sandro Lucio de Souza	PSB	4.850	5,02
Antônio Pinheiro Junior	PP	4.422	4,58
IBIRITÉ			
Antônio Pinheiro Junior	PP	25.721	35,68
Paulo Telles	PMDB	11.087	15,38
Stefano Aguiar dos Santos	PSB	4.163	5,77
POÇOS DE CALDAS			
Geraldo Thadeu	PSD	16.781	22,42
Carlos Mosconi	PSDB	16.571	22,14
Odaír Cunha	PT	9.262	12,37
PATOS DE MINAS			
José Humberto Soares	PSD	29.883	40,57
Elmiro Nascimento	DEM	29.514	40,07
Eduardo Barbosa	PSDB	1.236	1,68
TEÓFILO OTONI			
Fábio Augusto Ramalho	PV	13.440	21,02
Edson Soares	PTdoB	10.904	17,05
Ademir Camilo	PROS	4.585	7,17
POUSO ALEGRE			
Alexandre Magno	PHS	13.939	21,90
Odaír Cunha	PT	12.234	19,22
Bilac Pinto	PR	9.821	15,43
BARBACENA			
Bonifácio Andrada	PSDB	10.009	17,57
Reginaldo Lopes	PT	6.287	11,04
Ronaldo Braga	PMDB	5.393	9,47
SABARÁ			
Maurílio Barbosa da Silva	PDT	7.802	14,01
Charles Cardoso de Jesus	PTB	2.261	4,06
Stefano Aguiar dos Santos	PSB	2.110	3,79

Fonte: TSE



Tabela 24

EVOLUÇÃO DO Nº DE DEPUTADOS FEDERAIS DO PT – 1982 A 2014

ANO	Nº DEPUTADOS FEDERAIS	DEPUTADOS ELEITOS E SUPLENTE
1982	01	Eleito: Luis Dulci. Suplentes: Virgílio Guimarães, Apolo Lisboa, Nilmário Miranda
1986	03	Eleitos: Paulo Delgado, Virgílio Guimarães, João Paulo Pires. Suplentes: Tilden Santiago, Luis Dulci, Juarez França.
1990	06	Eleitos: Agostinho Valente, João Paulo Pires, Nilmário Miranda, Paulo Delgado, Sandra Starling, Tilden Santiago.
1994	06	Eleitos: Chico Ferramenta, Paulo Delgado, Tilden Santiago, Nilmário Miranda, Sandra Starling, João Fassarella. Suplentes: Joana Darc Guimarães, Rogério Sousa de Oliveira
1998	07	Eleitos: Maria do Carmo Lara, Virgílio Guimarães, Paulo Delgado, Nilmário Miranda, João Fassarella, Gilmar Machado, Tilden Santiago. Suplente: João Magno
2002	11	Eleitos: Patrus Ananias, Virgílio Guimarães, Maria do Carmo Lara, Paulo Delgado, Gilmar Machado, João Magno, Ivo José, Reginaldo Lopes, Odair Cunha, Leonardo Monteiro, César Medeiros. Suplentes: Edvaldo Baião, Ana Guerra, Carmen Bomtempo.
2006	09	Juvenil Alves, Virgílio Guimarães, Elismar Prado, Odair Cunha, Maria do Carmo Lara, Gilmar Machado, Reginaldo Lopes, Miguel Correa Junior, Leonardo Monteiro. Suplentes: Paulo Delgado, Rogério Correia.
2010	08	Weliton Prado, Gilmar Machado, Reginaldo Lopes, Odair Cunha, Gabriel Guimarães, Miguel Correa Jr, Padre João, Leonardo Monteiro. Suplentes: Margarida Salomão, Nilmário Miranda
2014	10	Eleitos: Reginaldo Lopes, Odair Cunha, Gabriel Guimarães, Weliton Prado, Patrus Ananias, Leonardo Monteiro, Padre João, Miguel Correa, Margarida Salomão, Adelmo Leão. Suplentes do PT: Nilmário Miranda, Maria do Carmo Lara

Fonte: TSE

e Anderson Cabido. Mas é evidente que a coligação proporcional é uma concessão que vem sendo feita para se fechar chapas majoritárias competitivas, como a que elegeu Fernando Pimentel em Minas Gerais. Veja a **tabela 26**.

A votação distribuída por mesorregião de Minas Gerais, mostra que o PSDB tem deputados estaduais majoritários em quatro delas: Rômulo Viegas (Campo Vertentes), Célio Moreira (Central Mineira), Dalmo Ribeiro (Sul / Sudoeste de Minas), José Bonifácio Mourão (Vale do Rio Doce). O PT é majoritário em duas mesorregiões: Jean Mark Freire (Jequitinhonha) e Paulo Guedes (Norte de Minas). As outras seis mesorregiões estão distribuídas por seis partidos: Mario Henrique Caixa – PCdoB (Metropolitana Belo Horizonte), Thiago Martins Rodrigues – PR (Noroeste de Minas), Fabiano Tolentino – PPS (Oeste de Minas), Hely Tarquinio – PV (Triângulo Mineiro /

Tabela 25

VOTAÇÃO PARA DEPUTADOS ESTADUAIS POR PARTIDOS E VAGAS CONQUISTADAS – MINAS GERAIS – 2014

PARTIDO	QT VOTOS LEGENDA	QT VOTOS NOMINAIS	QT VOTOS VÁLIDOS	% VÁLIDOS	ELEITO
DEM	28.284	185.335	213.619	2,06	2
PC do B	15.383	391.409	406.792	3,93	3
PCB	6.958	28.693	35.651	0,34	0
PDT	64.736	392.101	456.837	4,42	4
PEN	6.098	144.104	150.202	1,45	1
PHS	12.457	113.935	126.392	1,22	1
PMDB	73.832	772.195	846.027	8,18	10
PMN	11.318	164.798	176.116	1,70	1
PP	69.826	280.588	350.414	3,39	3
PPL	4.558	10.955	15.513	0,15	0
PPS	18.125	265.134	283.259	2,74	3
PR	24.256	465.448	489.704	4,73	3
PRB	16.330	177.682	194.012	1,88	2
PROS	7.197	144.414	151.611	1,47	1
PRP	14.685	51.537	66.222	0,64	0
PRTB	2.612	9.048	11.660	0,11	0
PSB	64.172	387.143	451.315	4,36	3
PSC	13.588	174.272	187.860	1,82	2
PSD	34.553	527.134	561.687	5,43	4
PSDB	219.392	1.003.452	1.222.844	11,82	9
PSDC	4.651	18.973	23.624	0,23	0
PSL	9.053	122.130	131.183	1,27	0
PSOL	17.026	27.473	44.499	0,43	0
PSTU	5.010	26.221	31.231	0,30	0
PT	269.963	1.355.159	1.625.122	15,71	10
PT do B	20.474	412.358	432.832	4,18	3
PTB	29.534	500.956	530.490	5,13	4
PTC	8.445	158.004	166.449	1,61	1
PTN	15.675	351.023	366.698	3,54	3
PV	23.714	500.648	524.362	5,07	4
SD	9.228	63.358	72.586	0,70	0

Fonte: TSE

Alto Paranaíba), Neilando Pimenta – PP (Vale do Mucuri), Wilson Batista – PSD (Zona da Mata). Veja as **tabelas 27 e 28**.

Os deputados estaduais do PT têm votação bastante concentradas em poucas regiões. Paulo Guedes obteve 157.107 votos no Norte de Minas, o que 96% de sua votação total. Elismar Prado foi eleito principalmente

Tabela 26

VOTAÇÃO DOS DEPUTADOS ESTADUAIS DA COLIGAÇÃO PT, PMDB, PRB, PROS – ELEITOS E SUPLENTE – MINAS GERAIS - 2014

CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	% VÁLIDOS
Paulo Guedes	PT	164.831	1,59
Elismar Prado	PT	86.515	0,84
João Magalhães	PMDB	79.375	0,77
Marília Campos	PT	78.801	0,76
Durval Ângelo	PT	76.674	0,74
Rogério Correia	PT	72.413	0,70
Gilberto Abramo	PRB	70.653	0,68
Ulysses Gomes	PT	69.029	0,67
Carlos Henrique	PRB	65.769	0,64
Rosangela Reis	PROS	58.725	0,57
Sávio Souza Cruz	PMDB	58.655	0,57
Adalcrever Lopes	PMDB	58.180	0,56
Celise Laviola	PMDB	57.476	0,56
Ivair Nogueira	PMDB	53.708	0,52
Jean Mark Freire	PT	52.315	0,51
Paulo Lamac	PT	50.594	0,49
Luiz Tadeu Leite	PMDB	47.535	0,46
André Quintão	PT	47.334	0,46
Cristiano Silveira	PT	46.730	0,45
Iran Barbosa	PMDB	46.312	0,45
Vanderlei Miranda	PMDB	45.774	0,44
Júlio César dos Santos	PMDB	44.367	0,43
Leonídio Bouças	PMDB	43.301	0,42
SUPLENTE			
Geisa Teixeira	PT	42.220	0,41
Antônio Carlos Nunes	PMDB	39.359	0,38
João Alberto Lages	PMDB	36.028	0,35
Cristina Corrêa	PT	29.588	0,29
Neivaldo de Lima Virgílio	PT	29.377	0,28
Anderson Cabido	PT	29.373	0,28
Pompílio Canavez	PT	27.559	0,27
Francisco Simões	PT	27.120	0,26

Fonte: TSE

com os votos do Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba (75.809 votos), ou 88% dos votos totais. Marília Campos é uma deputada da região Metropolitana Grande Belo Horizonte, onde foi a segunda colocada geral (76.640 votos), 97% de sua votação total. Durval Ângelo obteve as melhores votações nas mesorregiões Zona da Mata (28.206 votos), Vale do Rio Doce (20.182 votos),

Tabela 27

OS CINCO DEPUTADOS ESTADUAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) POR MESORREGIÕES EM MINAS GERAIS – 2014 (CONTINUA)

CAMPO DAS VERTENTES			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Rômulo Viegas	PSDB	31.810	10,63
Luiz Fábio Cherem	PSD	30.430	10,47
Cristiano Silveira	PT	22.142	7,40
Lafayette de Andrada	PSDB	17.619	5,80
Dehon Junio de Morais	PMN	11.836	4,47
CENTRAL MINEIRA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Célio Moreira	PSDB	18.179	8,70
Tiago Ulisses	PV	18.652	8,62
Sávio Souza Cruz	PMDB	17.098	7,81
Fabiano Tolentino	PPS	7.932	3,82
Anderson Carlos da Silva	PSDC	6.729	3,57
JEQUITINHONHA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Jean Mark Freire	PT	40.836	12,08
Roberto Botelho	PTN	24.504	9,28
Neilando Pimenta	PP	21.856	7,09
Luiz Henrique Maia	PSDB	19.652	6,33
Gustavo Correa	DEM	14.532	5,14
METROPOLITANA BELO HORIZONTE			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Mario Henrique Caixa	PCdoB	92.524	2,91
Marília Campos	PT	76.640	2,44
João Vítor Xavier	PSDB	76.213	2,41
Leandro Genaro	PSB	73.689	2,29
Gilberto Abramo	PRB	63.084	2,01
NOROESTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Thiago Martins Rodrigues	PR	26.486	14,33
Carlos Eduardo Ferreira	PSD	19.575	10,01
Eloisa Cunha	PMDB	11.096	6,17
Hely Tarquínio	PV	11.763	6,02
Glewton Guimarães	PROS	8.973	4,81
NORTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Paulo Guedes	PT	157.107	19,06
Gilberto Wagner Martins Pereira	PP	98.017	11,97
Arlen Santiago	PTB	82.987	10,03
Ana Maria Vieira	PSDB	37.428	4,56
Carlos Pimenta	PDT	35.076	4,32

Fonte: TSE

Tabela 28

OS CINCO DEPUTADOS ESTADUAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) POR MESORREGIÕES EM MINAS GERAIS – 2014 (CONCLUSÃO)

OESTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Fabiano Tolentino	PPS	47.295	9,09
Nacib Bechir	PSD	28.798	6,57
Fábio José de Oliveira	PTdoB	30.893	6,47
Neider Moreira	PSD	28.275	6,07
Arnaldo Gontijo de Freitas	PSL	25.332	5,14
SUL/SUDOESTE DE MINAS			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Dalmo Ribeiro	PSDB	84.262	6,65
Cássio Soares	PSD	76.058	5,77
Antônio Carlos Arantes	PSDB	70.839	5,50
Emídio Alves Madeira Junior	PTdoB	64.912	5,38
Ulysses Gomes	PT	67.696	5,27
TRIÂNGULO MINEIRO / ALTO PARANAÍBA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Hely Tarquínio	PV	67.095	6,62
Elismar Prado	PT	75.809	6,60
Felipe Attiê	PP	64.286	5,77
João Bosco	PTdoB	63.789	5,74
Luis Humberto Carneiro	PSDB	63.342	5,57
VALE DO MUCURI			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Neilando Pimenta	PP	37.667	19,68
Daniel Sucupira	PT	14.674	7,83
David Souza Costa	PTN	8.119	4,48
Ricardo Bastos Peres	PT	8.076	4,30
Helio Gomes Alves	PSD	6.017	3,45
VALE DO RIO DOCE			
Candidato	Partido	Votação	% votos
José Bonifácio Mourão	PSDB	66.990	7,87
Rosangela Campos Reis	PROS	54.812	7,06
Celise Laviola	PMDB	39.317	5,02
João Magalhães	PMDB	38.716	4,64
Helio Gomes Alves	PSD	32.532	3,80
ZONA DA MATA			
Candidato	Partido	Votação	% votos
Wilson Batista	PSD	89.062	7,74
Bráulio Braz	PTB	66.994	5,79
Isauro Calais Filho	PMN	47.806	4,97
Antônio Jorge de Souza Marques	PPS	49.388	4,50
Noraldino Junior	PSC	48.041	4,27

Fonte: TSE

||||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||

Metropolitana Grande Belo Horizonte (15.281), o que representa 83% da votação total. Rogério Correia concentrou sua votação na Metropolitana Grande Belo Horizonte (26.535 votos), Zona da Mata (11.533), Norte de Minas (10.460) e Noroeste (5.581 votos), representando 74% de sua votação.

Veja as bases sociais dos outros cinco deputados estaduais eleitos do PT Minas. Ulysses Gomes tem uma votação totalmente concentrada no Sul / Sudoeste de Minas (67.696 votos), ou 98% da votação total. Jean Mark Freire foi eleito basicamente com os votos do Jequitinhonha (40.836 votos), o que dá 78% dos votos totais. Paulo Lamac obteve as melhores votações na Metropolitana Grande Belo Horizonte (34.692 votos), Zona da Mata (11.250), o que representa 91% da votação total. André Quintão foi eleito com uma votação bastante pulverizada pelo Estado: Metropolitana Belo Horizonte (14.796 votos), Jequitinhonha (7.476), Vale do Rio Doce (6.935), Vale do Mucuri (4.121), Sul / Sudoeste de Minas (3.639), Norte de Minas (3.394 votos), representando 86% dos votos totais. E, finalmente, o décimo deputado eleito, Cristiano Silveira, teve o melhor desempenho nas mesorregiões: Campo Vertentes (22.142 votos), Zona da Mata (9.785), Oeste de Minas (2.969) e Norte de Minas (2.936 votos), representando 81% dos votos totais.

Realizamos ainda o estudo da base social dos deputados estaduais no grupo de 20 maiores municípios mineiros – G-20. Também neste caso existe uma enorme pulverização política. O PT tem três candidatos majoritários no G-20: Marília Campos (Contagem), Paulo Guedes (Montes Claros) e Paulo Tadeu (Poços de Caldas), o PSC também têm três majoritários: Noraldino Junior (Juiz de Fora), Moacir Costa Junior (Ribeirão das Neves) e Jeferson Estanislau (Sete Lagoas). Também o PP tem três majoritários: Felipe Attiê (Uberlândia), Neilando Pimenta (Teófilo Otoni) e Pinduca (Betim). Em seguida aparece com dois majoritários o PV: Hely Tarquinio (Patos de Minas) e Raphael dos Santos (Pouso Alegre). Com um majoritário aparecem nove Partidos: PSB: Wander Borges (Sabará), PCdoB: Mario Henrique Caixa (Belo Horizonte), PMDB: Antônio Carlos Nunes (Uberaba), PSDB: Bonifácio Mourão (Governador Valadares), PROS: Rosângela Reis (Ipatinga), PPS: Fabiano Tolentino (Divinópolis), PTB: Luiza Pereira (Santa Luzia), DEM: Ione Pinheiro (Ibirité), PR: Danuza Bias Fortes (Barbacena). Veja as **tabelas 29 e 30**.

Tabela 29

OSTRÊS DEPUTADOS ESTADUAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) NOS 20 MAIORES MUNICÍPIOS – G-20 - MINAS GERAIS – 2014 (CONTINUA)

CANDIDATO	PARTIDO	Nº VOTOS	% VOTOS
BELO HORIZONTE			
Mário Henrique Caixa	PCdoB	46.424	3,74
Frederico Costa	PEN	35.443	2,86
João Leite	PSDB	33.537	2,70
UBERLÂNDIA			
Felipe Attiê	PP	58.802	18,57
Elismar Prado	PT	39.558	12,49
Luiz Humberto Carneiro	PSDB	36.542	11,54
CONTAGEM			
Marília Campos	PT	61.224	20,31
Ricardo Faria	PCdoB	27.731	9,20
Ademir Lucas	PR	13.745	4,56
JUIZ DE FORA			
Noraldino Junior	PSC	38.471	15,18
Isauro Calais Filho	PMN	34.864	13,76
Antônio Jorge de Souza	PPS	20.182	7,96
BETIM			
Pedro Ivo Caminhas (Pinduca)	PP	25.343	13,69
Welinton de Abreu	PSB	23.249	12,56
Geraldo Pimenta	PCdoB	15.633	8,45
MONTES CLAROS			
Paulo Guedes	PT	28.998	16,23
Giberto Pereira	PP	27.301	15,28
Cláudio Ribeiro Prates	PTB	20.871	11,68
RIBEIRÃO DAS NEVES			
Moacir Martins Costa Jr	PSC	13.975	11,40
Vanderlei Teixeira	PROS	7.648	6,24
Walace Ventura	PR	6.679	5,45
UBERABA			
Antônio Carlos Silva Nunes	PMDB	33.017	22,01
Wagner Nascimento	PR	26.651	17,76
Antônio Lerin	PSB	18.208	12,14
GOVERNADOR VALADARES			
Bonifácio Mourão	PSDB	44.573	32,88
Paulo Marcos Costa	PDT	12.993	9,58
Edvaldo Soares dos Santos	PMDB	9.726	7,17
IPATINGA			
Rosangela Reis	PROS	25.936	20,55
Daniel Cristiano Souza	PCB	20.154	15,97
Agnaldo Bicalho	PT	9.864	7,82

Fonte: TSE

||||||||||| **POR QUE DILMA E FERNANDO PIMENTEL VENCERAM AS ELEIÇÕES EM MINAS?** |||||||||

Tabela 30

OS TRÊS DEPUTADOS ESTADUAIS MAIS VOTADOS (ELEITOS E SUPLENTE) NOS 20 MAIORES MUNICÍPIOS – G-20 - MINAS GERAIS – 2014 (CONCLUSÃO)

CANDIDATO	PARTIDO	Nº VOTOS	% VOTOS
SETE LAGOAS			
Jeferson Douglas Estanislau	PSC	39.824	37,39
Euro de Andrade Lanza	PP	14.460	13,58
Gilberto Pereira da Silva	PMDB	7.496	7,04
DIVINÓPOLIS			
Fabiano Tolentino	PPS	23.430	22,12
Antônio Rinaldo Valério	PTN	10.994	10,38
Anderson Saleme	PR	10.626	10,03
SANTA LUZIA			
Luiza Maria Ferreira Pereira	PTB	10.755	10,45
Cristina Corrêa	PT	9.543	9,27
Ilacir Bicalho de Barros	PSC	9.120	8,86
IBIRITÉ			
Ione Maria Pinheiro	DEM	21.637	29,86
Ricardo Vicente dos Santos	PT	14.242	19,66
Leandro Genaro	PSB	3.966	5,47
POÇOS DE CALDAS			
Paulo Tadeu Arcádia	PT	14.353	18,93
Paulo César Silva	PMN	13.801	18,20
Marcos Eduardo de Andrade	PSD	12.306	16,23
PATOS DE MINAS			
Hely Tarquinio	PV	37.757	49,84
Maria Beatriz Savassi	DEM	23.554	31,09
Washington Fernando Rocrigues	PDT	1.103	1,46
TEÓFILO OTONI			
Neilando Alves Pimenta	PP	18.283	27,83
Daniel Batista Sucupira	PT	12.593	19,17
Ricardo Bastos Peres	PT	6.956	10,59
POUSO ALEGRE			
Raphael Prado dos Santos	PV	21.365	31,90
Éneas Castilho Chiarini	PR	9.134	13,64
Hélio Carlos de Oliveira	PT	5.875	8,77
BARBACENA			
Danuzia Bias Fortes	PR	7.299	12,56
Lafaiete Andrada	PSDB	7.050	12,13
Adailton da Silva Marques	PSOL	4.301	7,40
SABARA			
Wander Borges	PSB	29.137	47,77
Ricardo Antunes de Oliveira	PTC	4.755	7,80
Leandro Genaro	PSB	1.575	2,58

Fonte: TSE



Divulgamos finalmente o histórico das bancadas do PT na Assembleia Legislativa desde 1982. Com os 10 deputados que o Partido elegeu agora temos o segundo melhor resultado da história, ficando atrás apenas de 2002, quando elegemos 15 deputados estaduais. Cabe ressaltar que a estabilidade na representação mineira do PT foi até um bom resultado, considerando as perdas de quatro vagas com a coligação proporcional, e o desempenho muito ruim nacionalmente onde o PT perdeu 40 deputados estaduais nas Assembleias Legislativas de todo o país. Veja a **tabela 31**.

Tabela 31

EVOLUÇÃO DO Nº DE DEPUTADOS ESTADUAIS DO PT – 1982 A 2014

ANO	Nº DEPUTADOS ESTADUAIS	DEPUTADOS ELEITOS E SUPLENTE
1982	01	Eleito: João Batista Mares Guia. Suplentes: Ignácio Hernandez, Sálvio Penna, Américo Antunes
1986	05	Eleitos: Chico Ferramenta, Sandra Starling, Raul Messias, Nilmário Miranda, Agostinho Valente. Suplentes: Maria José Haueisen, Celeste Semião
1990	10	Eleitos: Adelmo Leão, Antônio Carlos de Jesus Fuzatto, Antônio Carlos Pereira (Carlão), Gilmar Machado, Ivo José da Silva, José Reinaldo de Lima, Maria José Haueisen, Marcos Helênio Pena, Raul Messias, Roberto Carvalho
1994	08	Eleitos: Geraldo Nascimento, Maria José Haueisen, Ivo José, Gilmar Machado, Durval Ângelo, Almir Paraca, Marcos Helênio, Anivaldo Antônio dos Santos. Suplentes: Jackson de Pinho Tavares, Adelmo Leão, Lene Teixeira, Chico Simões
1998	05	Eleitos: Durval Ângelo, Ivo José da Silva, Adelmo Leão, Rogério Correia, Maria José Haueisen. Suplentes: Maria Tereza Lara, Geraldo Nascimento, Marília Campos
2002	15	Eleitos: Durval Ângelo, Roberto Carvalho, Rogério Correia, Weliton Prado, André Quintão, Cecília Ferramenta, Adelmo Leão, Padre João, Marília Campos, Maria José Haueisen, Gabriel dos Santos Rocha, Laudelino Augusto, Ricardo Duarte, Chico Simões, Maria Tereza Lara. Suplentes: Carlos Gomes, Edson Rezende, Jesus Mário de Almeida, Elisa Costa, Almir Paraca
2006	09	Eleitos: Weliton Prado, Durval Ângelo, Roberto Carvalho, Elisa Costa, Padre João, Paulo Guedes, André Quintão, Cecília Ferramenta, Almir Paraca. Suplentes: Carlos Gomes, Maria Tereza Lara, Adelmo Leão, Neusinha Santos
2010	10	Eleitos: Elismar Prado, Durval Ângelo, Pompílio Canavez, Paulo Lamac, Rogério Correia, André Quintão, Ulysses Gomes, Adelmo Leão, Almir Paraca, Maria Tereza Lara. Suplentes: Geisa Teixeira, Carlos Gomes, Vinicius Samôr
2014	10	Eleitos: Paulo Guedes, Elismar Prado, Marília Campos, Durval Ângelo, Rogério Correia, Ulysses Gomes, Jean Mark Freire, Paulo Lamac, André Quintão, Cristiano Silveira. Suplentes do PT: Geisa Teixeira, Cristina Corrêa, Neivaldo de Lima Virgílio, Anderson Cabido

Fonte: TSE

Sobre o autor

José Prata Araújo é economista formado pela PUC Minas e especialista em direitos sociais, especialmente em previdência social. Foi militante sindical bancário, diretor do Sindicato dos Bancários de BH e Região por três gestões e um dos fundadores da CUT. Atualmente é consultor previdenciário e em direitos sociais de sindicatos de servidores mineiros.

Ele é autor de cinco estudos sobre Minas Gerais: Um olhar sobre Minas Gerais (2003), Minas cresce com o Brasil (2006), Um novo olhar sobre Minas Gerais (2009), Minas no centro da disputa nacional (2011) e Por que Dilma e Fernando Pimentel venceram as eleições em Minas? (2014).

José Prata é também autor de seis livros sobre direitos sociais e sobre o Brasil: A construção do sindicalismo livre no Brasil (1993), Previdência Social: diagnóstico e propostas (1995), Manual dos direitos sociais da população (1998), Um retrato do Brasil – balanço do governo Lula (2006), O Brasil de Lula e o de FHC (2010), Guia dos direitos sociais (2010). Publicou no site da Fundação Perseu Abramo o estudo Futuro X Passado, em 2014.

Além dos livros, José Prata é autor também de diversas cartilhas e outras publicações populares sobre direitos sociais, economia e política, que tiveram edição, nos últimos 18 anos, de 1 milhão de exemplares vendidos e, em alguns casos, distribuídos gratuitamente à população com cessão gratuita dos direitos autorais.

José Prata foi um dos fundadores do PT, mas passou a ter uma atuação mais engajada no Partido a partir de 1996 quando se desligou do sindicalismo, ocupando cargos nos diretórios do PT de Contagem e de Minas Gerais. Foi coordenador de programa e de comunicação das candidaturas da petista Marília Campos para prefeita (1996), deputada estadual (1998), vereadora de Contagem eleita (2000), deputada estadual eleita (2002), prefeita de Contagem eleita (2004), prefeita de Contagem reeleita (2008), e deputada estadual eleita (2014).

